



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Escola de Belas Artes – Curso de Conservação e  
Restauração de Bens Culturais Móveis



Patrícia Nardi

**A VESTE DE JUSCELINO KUBITSCHECK NO CENTRO DE MEMÓRIA DA  
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS  
GERAIS: UM ESTUDO DE CASO**

Belo Horizonte  
Dezembro/2017

Patrícia Nardi

**A VESTE DE JUSCELINO KUBITSCHECK NO CENTRO DE MEMÓRIA DA  
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS  
GERAIS: um estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de bacharel em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis.

Orientação: Professora Dra. Soraya Aparecida Álvares Coppola

Co-orientação: Professor Dr. Willi de Barros Gonçalves.

Belo Horizonte

Dezembro/2017

Nardi, Patricia, 1971-

As Vestes de Juscelino Kubitscheck no Centro de Memória da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais: Um Estudo de Caso ./ Patricia Nardi - 2017  
395 f: il.

Orientador: Soraya Aparecida Álvares Coppola

Co-orientador: Willi de Barros Gonçalves

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2017

1. Tecido – Conservação Preventiva – Trabalho de Conclusão de Curso - TCC  
2. Tecidos – Brasil – História – TCC I. Coppola, Soraya Aparecida Álvares, 1970 – II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes IV. Título.

CDD: 702.88

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus orientadores, pela generosidade e paciência.

Aos meus familiares, pelo incentivo e entusiasmo.

Ao Haroldo, pelo amor imenso, companheirismo e compreensão.

A todos que me acompanharam nesta aventura.

Patrícia Nardi

**Título: A VESTE DE JUSCELINO KUBITSCHECK NO CENTRO DE MEMÓRIA DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de bacharel em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis.

Local: Belo Horizonte, 05 de dezembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Soraya Aparecida Álvares Coppola  
Orientador  
Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais

---

Prof. Dr. Willi de Barros Gonçalves.  
Co-orientador  
Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rita Lages Rodrigues  
Membro convidado  
Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 ASPECTOS EM CONSERVAÇÃO PREVENTIVA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Conceitos e definições gerais no âmbito da área da Conservação de bens culturais.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 A Conservação Preventiva: uma reflexão.....</b>	<b>17</b>
<b>3 ESTUDO DE CASO – A veste de Juscelino Kubitscheck no Centro de Memória da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais .....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 Análises formais, estilísticas e materiais.....</b>	<b>25</b>
<b>3.2 Aspectos históricos: o CEMEMOR e JK.....</b>	<b>44</b>
<b>3.3 Análise do estado de conservação do objeto e diagnóstico preliminar de riscos..</b>	<b>54</b>
<b>3.4 Condições expográficas no Centro de Memória da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.....</b>	<b>60</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>70</b>
<b>ANEXO A – Relatório LACICOR.....</b>	<b>74</b>
<b>ANEXO B – Plano Museológico CEMEMOR.....</b>	<b>81</b>
<b>ANEXO C – Ata da 17ª Sessão Ordinária da Congregação da Faculdade de Medicina, aos 22 de Dezembro de 1.959.....</b>	<b>102</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

CEMEMOR – Centro de Memória da Faculdade de Medicina.

JK – Juscelino Kubitscheck.

MHAB – Museu Histórico Abílio Barreto.

AIC – American Institute for Conservation of Historic and Artistic Works (Instituto americano para conservação de trabalhos históricos e artísticos).

ICOM – CC – International Council of Museums – Committee for Conservation.

LACICOR – Laboratório de Ciência da Conservação do CECOR.

CECOR – Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFMG.

ABRACOR – Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A beca do CEMEMOR. Frente e verso.....	25
Figura 2 – Veste talar, bordado em manga direita.....	27
Figura 3 – Veste talar, detalhes da renda em punho e gola.....	27
Figura 4 – Veste talar, detalhes do <i>jabour</i> e seu abotoamento.....	28
Figura 5 – Veste talar, detalhe da capa sobre os ombros.....	28
Figura 6 – Veste talar, detalhe da costura contínua.....	29
Figura 7 – Veste talar, etiqueta interna.....	29
Figura 8 – <i>Jabour</i> .....	30
Figura 9 – Faixa abdominal.....	31
Figura 10 – Faixa abdominal, detalhe da fivela metálica. ....	31
Figura 11 – Capelo.....	32
Figura 12 – Capelo, detalhe da face interna com etiqueta de identificação do fabricante	32
Figura 13 – Médica em trajes de formatura em 1919.....	33
Figura 14 – JK em trajes de formatura.....	34
Figura 15 – Painel em madeira com formandos de 1932.....	35
Figura 16 – Médico formando de 1932.....	36
Figura 17 – Médico homenageado de 1932.....	36
Figura 18 – Formandos do ano de 1947.....	37
Figura 19 – Médicos de 1948.....	38
Figura 20 – Médicos de 1957.....	38
Figura 21 – Médica de 1959.....	39
Figura 22 – Detalhe do tecido negro ao microscópio.....	40
Figura 23 – Detalhe do tecido da faixa verde ao microscópio .....	41
Figura 24 – Detalhe do tecido do capelo ao microscópio (BASE e PELO).....	41
Figura 25 – Detalhe da renda ao microscópio.....	42
Figura 26 – O CEMEMOR.....	44
Figura 27 – Acervo CEMEMOR. ....	45
Figura 28 – Planta CEMEMOR.....	46
Figura 29 – A veste de JK no CEMEMOR.....	49
Figura 30 – Registro fotográfico de JK na solenidade na UFMG.....	49
Figura 31 – Ata da solenidade na Faculdade de Medicina.....	50

Figura 32 – Vestes acadêmicas da Trinity College.....	51
Figura 33 – Outros exemplos de peças na solenidade da Faculdade de Medicina.....	53
Figura 34 – Detalhe das etiquetas internas da veste.....	53
Figura 35 – Áreas com sujidades e esmaecimento da cor na veste.....	55
Figura 36 – Áreas com marcas brilhantes.....	56
Figura 37 – Áreas de esmaecimento da cor verde e manchas na faixa abdominal.....	57
Figura 38 – Áreas de oxidação da fivela da faixa abdominal. ....	57
Figura 39 – Área de oxidação no <i>jabour</i> .....	58
Figura 40 – Deformidades no capelo. ....	59
Figura 41 – Intervenção anterior com fio de <i>nylon</i> .....	60
Figura 42 – Modo de exposição do conjunto no CEMEMOR até agosto de 2017.....	63
Figura 43 – Modo de exposição do conjunto no CEMEMOR, detalhe do modelo anatômico.....	63
Figura 44 – Modo de exposição do conjunto no MHAB.....	64
Figura 45 – Modo de exposição do conjunto no MHAB (FRENTE e VERSO).....	65
Figura 46 – Modo atual de exposição do conjunto no CEMEMOR.....	66

## **RESUMO**

Este trabalho, conduzido ao longo do ano de 2017, apresenta algumas questões e aspectos, discutidos no âmbito da conservação preventiva e da conservação de objetos têxteis, acerca de observações realizadas em um estudo de caso desenvolvido no Centro de Memória da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. O objeto central do estudo é uma vestimenta apresentada pela instituição como peça usada por Juscelino Kubitscheck em uma solenidade formal na UFMG em 1959. Para tanto, foram apresentadas descrições formais e materiais do referido objeto, seu estado de conservação e modelos expositivos adotados pela instituição ao longo do tempo, como também aspectos relacionados ao Centro de Memória da Faculdade de Medicina e do personagem Juscelino Kubitscheck. São também apresentadas, de forma resumida, algumas observações sobre a contribuição de Alois Riegl para o campo da conservação de bens culturais.

Palavras chave: conservação preventiva, conservação de objetos têxteis, Centro de Memória da Faculdade de Medicina, Juscelino Kubitscheck.

## **ABSTRACT**

This work, developed along the year of 2017, presents some aspects of a case study conducted at the Medicine Memory Center (Centro de Memória da Faculdade de Medicina da UFMG), considering the fields of Preventive Conservation and Conservation of Textile Objects. The main object of this study is a garment presented by the institution as Juscelino Kubitscheck's vest that was used during an official presentation at the university in 1959. Formal and material analyses were presented along with the actual conditions evaluation report and expositive models of the object adopted by the institution. This work also presents historical information of the Medicine Memory Center, some aspects of JK's public figure and the Alois Riegl's contribution to the conservation field.

Key words: preventive conservation, conservation of textile objects, Medicine Memory Center, Juscelino Kubitscheck.

## 1 INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que os têxteis constituem, cada vez mais, uma parte importante dos acervos em instituições de memória. Eles são objetos que se apresentam em uma grande variedade de formas e funções, seja como tecidos simples, tecidos com fins decorativos, tapetes, tapeçarias, rendas, trajes, vestimentas ou mesmo tecidos arqueológicos. Assim, vem sendo utilizados pelo homem desde a antiguidade, estando, portanto, sujeitos tanto ao envelhecimento e desgaste relacionados às suas funções originais, como também a processos como remodelagem e pequenas modificações executados ao longo de sua existência.

A partir do momento em que se tornam parte de um acervo histórico ou artístico, passam também a assumir um papel como verdadeiras testemunhas documentais, com valor inestimável enquanto evidência de diversos aspectos sociais, históricos, religiosos, técnicos e estéticos de seu tempo, fazendo com que sua preservação seja imprescindível na história e percurso das diferentes sociedades. É também neste momento que estratégias de preservação (baseadas em conceitos de Conservação Preventiva) e restauração (com intervenções de maior ou menor intensidade) passam a ser discutidas e propostas a este tipo de acervo, como às outras tipologias de acervos museais, além do surgimento e desenvolvimento do Conservador de objetos têxteis, profissional especializado no cuidado destes objetos.

Os têxteis podem ser compostos por estruturas naturais (vegetais ou animais) ou por estruturas químicas, sejam artificiais ou sintéticas, e sua preservação está diretamente relacionada às condições ambientais a eles associadas. Sabe-se que, a partir do momento em que passam a existir, estes objetos estão submetidos a condições que concorrem para sua degradação e fragilidade em maior ou menor velocidade. Existem três grandes tipos de degradação em tecidos: o desgaste devido às forças físicas, à fragilidade do tecido causada por enfraquecimento de suas fibras e aos danos relacionados às condições de conservação inadequadas<sup>1</sup>, sendo esta última categoria um dos pontos centrais de atuação do profissional da Conservação e Restauração.

Neste contexto, adequadas condições de manipulação, embalagem, guarda e exibição assumem papel de grande importância na sobrevivência destes itens, podendo determinar,

---

<sup>1</sup> COPPOLA, 2006, p.154.

quando inadequadas, até mesmo a total destruição de suas fibras<sup>2</sup>. Sabe-se que variações climáticas extremas podem levar a degradações dos materiais, tanto física quanto quimicamente, aumentando portanto sua vulnerabilidade. Assim, a longevidade física dos tecidos históricos deve ser baseada principalmente em cuidados preventivos<sup>3</sup>, buscando-se a preservação de seus aspectos materiais através de ações que minimizem a velocidade de seus processos de degradação.

Portanto, são as ações em Conservação Preventiva as mais efetivas em promover a preservação destes itens e objetos a longo prazo, principalmente através de condições microclimáticas seguras (tanto para itens em exibição quanto para aqueles guardados em reservas técnicas), associadas a procedimentos adequados de manipulação, acondicionamento e transporte, possibilitando assim sua preservação para as gerações futuras.

Este trabalho foi conduzido ao longo do segundo semestre de 2017 e divide-se em duas fases objetivas. A primeira propõe uma revisão bibliográfica dos textos fundadores da Conservação de objetos têxteis, muitos deles ainda em língua estrangeira, buscando sua essência e contribuições para a constituição da disciplina e formação dos profissionais especializados.

A seguir, a segunda fase, que pode ser identificada como o objetivo central, onde apresentamos um estudo de caso que se propõe a observar as condições de um dos itens do acervo do Centro de Memória da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMEMOR): a vestimenta apresentada pela instituição como peça usada por Juscelino Kubitschek em uma solenidade formal da Faculdade de Medicina no ano de 1959. Identificada como item chave da coleção por historiadores atuantes na instituição, esta vestimenta encontra-se hoje em exibição permanente em uma de suas galerias.

Aqui, são então discutidas questões referentes ao objeto, através da descrição das observações realizadas durante as análises formal, estilística e material, que possibilitaram o reconhecimento de sua materialidade e do seu percurso de existência material através de suas características apresentadas no momento presente.

---

<sup>2</sup> ISHII, 2014, p15.

<sup>3</sup> ISHII, 2014, p15.

São ainda destacados aspectos históricos tanto da instituição quanto do personagem JK, como também do próprio objeto de estudo, a partir de pesquisas e entrevistas com funcionários, colaboradores e personagens contemporâneos ao item escolhido. Apresentam-se também a análise do estado de conservação do objeto de estudo e alguns aspectos relacionados aos modelos expositivos já utilizados pela instituição, como também as condições expográficas atuais do objeto.

A seguir, na última parte do texto, são apresentadas as considerações finais da autora, onde uma reflexão sobre o processo de estudo de caso é apresentado, dando relevância às questões particulares referentes ao histórico do objeto, especificamente quanto à questão dos valores agregados a este, assumidos como significantes para sua preservação e legado.

## 2 ASPECTOS EM CONSERVAÇÃO PREVENTIVA

### 2.1 Conceitos e definições gerais no âmbito da área da Conservação de bens culturais

Sabe-se que alguns autores vem se dedicando a discussões sobre conceitos e definições de processos de conservação, restauração e preservação. Neste cenário, estas práticas são muitas vezes confundidas, confrontadas e até mesmo tomadas erroneamente como sinônimos por profissionais de diversas áreas e de diferentes instituições. Questões etimológicas e linguísticas também contribuem para o uso confuso destes termos, relacionados principalmente a traduções entre diferentes línguas, como observado por Brooks, Clark, Eastop e Petschek que ressaltam que

a palavra francesa *restaurateur* é equivalente à palavra *conservator*, no inglês, enquanto que a palavra francesa *conservateur* é equivalente ao termo inglês *curator* ou *keeper*.<sup>4</sup>

Experiências e tradições institucionais, aliadas à presença de diversas tipologias em cada coleção, também são responsáveis pela tomada de decisões e pelas técnicas escolhidas. A própria evolução da disciplina e o desenvolvimento de práticas transdisciplinares também contribuem para reavaliações da terminologia empregada e de seu repertório de ações.

O termo *Conservação* foi definido em 2003 pelo Instituto Americano para Conservação de Trabalhos Históricos e Artísticos (*American Institute for Conservation of Historic and Artistic Works, AIC*) como “a profissão devotada à preservação de bens culturais para o futuro”<sup>5</sup>. Esta mesma instituição determinou como ações em conservação o exame, a documentação, o cuidado preventivo e as ações de tratamento, sempre baseadas em pesquisas extensas e processos educativos, preferencialmente colaborativos e multidisciplinares.

---

<sup>4</sup> O texto “*Restoration and Conservation. Issues for conservators: a textile conservation perspective*” foi publicado em *Restoration. Is it acceptable? British Museum Conference*, London, 1994, British Museum Occasional Papers, 99, e foi traduzido por Teresa Cristina Toledo de Paula, sendo publicado nos Anais do Museu Paulista, volume 2, p.236, 1994. No texto as autoras se referem aos acervos têxteis mas confusões idiomáticas também podem ser observadas em outras publicações.

<sup>5</sup> AIC, Code of ethics and guidelines for practice, 2003, como descrito por Mie Ishii. A instituição é referendada por Ishii em seu trabalho *International Cooperation in Preservation of Cultural Heritage between Japan and Armenia: Conservation of Historic Textiles in Museums*, 2014, p.15, como uma das primeiras organizações independentes de profissionais de conservação a produzir parâmetros escritos de práticas para seus membros.

Os processos de *exame* e análise dos objetos são realizados através de investigações de suas estruturas e materiais, além do conhecimento de possíveis causas de sua deterioração e alteração. As ações de *documentação* tem como objetivo o registro de informações derivadas das ações de conservação, tanto preventivas quanto curativas. Todas as etapas e ações dos profissionais devem ser registradas, tanto em forma textual quanto em forma de imagens, contribuindo ainda para a redução dos danos a estes objetos na medida em que possibilita sua menor manipulação. Auxilia também junto às análises da evolução do estado de conservação e em comparações futuras, funcionando como referências ao desenvolvimento de técnicas para a área de conhecimento.

Já os processos relacionados aos modos de *tratamento* dizem respeito a alterações dos aspectos químicos e/ou físicos dos objetos, com o objetivo primordial de prolongar sua existência, garantindo assim seu acesso a gerações futuras. Os tratamentos podem constituir-se de ações de estabilização e/ou restauração. As primeiras estão relacionadas à manutenção da integridade dos objetos culturais, minimizando-se sua deterioração. As ações de restauração estão ligadas a procedimentos em laboratório que buscam o retorno às condições originais ou conhecidas do objeto, geralmente através de adições de materiais, constituindo-se assim, em ações também conhecidas por conservação curativa.

O termo *preservação* foi definido pelo AIC como ações para proteção dos bens culturais através de atividades que minimizem os danos e deteriorações químicas e físicas, prevenindo a perda de informação. O objetivo primário da preservação é o prolongamento da existência dos bens culturais.

A *Conservação Preventiva* ou cuidado preventivo diz respeito, segundo o AIC, ao controle e minimização da deterioração e dos danos aos bens culturais através de formulação e implementação de políticas e procedimentos que possibilitem condições ambientais adequadas, procedimentos de manipulação, manutenção, guarda e exibição, como também processos de embalagem, transporte e uso. O controle de pestes e processos de resposta a situações emergenciais também são ações de conservação preventiva.

O *conservador* é aquele profissional cuja atenção primária se concentra na conservação dos bens culturais. Através de seu conhecimento, educação especializada, treinamento e experiência ele determina e implementa todas as atividades de conservação, de acordo com preceitos éticos nos meios museais. Ele deve ainda reconhecer a importância crítica da conservação preventiva como a maneira mais efetiva de se promover a preservação a longo

prazo dos bens culturais. Para Toledo de Paula<sup>6</sup>, o conservador é aquele profissional que exerce “o papel de um administrador dos processos de deterioração dos objetos” e não mais um “profissional que, embora apoiado em métodos e técnicas científicas, causava modificações irreversíveis nos objetos”.

Em setembro de 2008 esses conceitos foram novamente debatidos e publicados pelo ICOM-CC<sup>7</sup>, na tentativa de facilitar a comunicação entre os diferentes profissionais liberais ou de instituições internacionais. Neste sentido definiu-se que a *Conservação* compreende as medidas ou ações que visam a salvaguarda do patrimônio cultural tangível, assegurando sua acessibilidade às gerações presentes e futuras. A conservação engloba a conservação preventiva, a conservação curativa e a restauração. Todas as medidas e ações devem respeitar o significado e as propriedades do item do patrimônio cultural.

Assim, segue-se definindo especificamente cada núcleo englobado no conceito maior de Conservação, onde a *Conservação Preventiva* diz respeito a todas as medidas e ações com objetivo de se evitar e minimizar futuras deteriorações ou perdas. Elas são efetuadas no contexto ou no entorno de um item, mas mais frequentemente em um grupo de itens, independentemente de sua idade ou condição. Essas medidas e ações são indiretas – não interferem nos materiais e estruturas dos itens, não modificando sua aparência.

A *Conservação Curativa* se apresenta como as ações aplicadas diretamente em um item ou grupo de itens com o objetivo de conter os processos de danos em curso ou reforçar suas estruturas. Essas ações são apenas executadas quando os itens estão em condições frágeis ou se deteriorando em taxas tão altas que poderiam se perder em um período relativamente curto de tempo. Essas ações algumas vezes modificam a aparência dos itens.

Inserindo as ações em *Restauração* como um núcleo da Conservação, a define como aquelas ações aplicadas diretamente a um item individual e estável, com o objetivo de facilitar sua apreciação, seu entendimento e uso. Essas ações são apenas executadas quando o item perdeu parte de seu significado ou função devido alterações passadas ou deterioração. Elas se baseiam no respeito ao material original. Na maior parte das vezes essas ações modificam a aparência deste item. Neste contexto, cabe ao profissional da conservação/restauração a execução das ações tanto em conservação (preventiva e curativa) quanto em restauração.

---

<sup>6</sup> TOLEDO DE PAULA, T.C. 1994, p.301.

<sup>7</sup> Em [icom-cc.org](http://icom-cc.org), Terminology to characterize the conservation of tangible cultural heritage.

É ainda importante salientar que a escolha e determinação das ações a serem efetuadas por este profissional devem ser pautadas por questões tanto éticas quanto estéticas, respeitando-se sempre a unicidade de cada objeto. Assim, questões iniciais como os materiais utilizados e suas formas e técnicas construtivas, como também o design apresentado, a ação transformadora humana e as funções e destinações originais (como também as remodelagens em momentos posteriores) constituem-se em evidências e testemunhas de práticas realizadas, devendo portanto ser preservadas e respeitadas.

Neste contexto, cabe a este profissional a observação e o equilíbrio de três pilares básicos em sua prática diária: o critério da intervenção mínima (em respeito ao caráter documental e único de cada objeto), o princípio da reversibilidade (executado dentro de limites possíveis, onde ações efetuadas poderiam ser desfeitas em um momento futuro diante da possibilidade do surgimento de novas opções de tratamento) e o uso das diretrizes em conservação preventiva<sup>8</sup>, mais efetivas na promoção da preservação do patrimônio cultural a longo prazo.

É fato que a efetiva preservação dos bens culturais necessita de esforços variados com envolvimento de toda uma equipe multiprofissional e também de políticas institucionais definidas. Muitas são as categorias de profissionais envolvidos nas atividades em museus e instituições de memória: administrador, curador, diretor, conservador, cientista da conservação, museólogo, restaurador e cuidador, exercendo ações de aquisição, estudo, conservação, preservação e restauração. Estes profissionais devem atuar em conjunto, cientes do impacto de suas funções para a preservação final das coleções.

## **2.2 A Conservação Preventiva: uma reflexão**

Para alguns autores, a conservação preventiva constitui-se na “forma mais pura de conservação”, assegurando a estes objetos padrões adequados de manuseio, exposição e armazenamento, garantindo assim sua estabilidade<sup>9</sup>. Para tanto, torna-se fundamental que os profissionais envolvidos nesta tarefa tenham entendimento sobre o que conservar, por que conservar e como fazê-lo. A primeira etapa neste processo é a condução de pesquisas extensivas e análises acerca do objeto em questão: seu histórico, seu papel dentro da coleção

---

<sup>8</sup> VIANA, F. NEIRA, L.G. 2010, p.213.

<sup>9</sup> BROOKS, M. CLARK, C. EASTOP, D. PETSCHKE, C. 1994.

em que está inserido, seus aspectos materiais e técnicas construtivas, seu estado de conservação, como também os aspectos éticos envolvidos no processo. A partir de um maior entendimento sobre o objeto e de conhecimentos sobre as condições institucionais, cabe ao profissional da conservação/restauração o planejamento cuidadoso de todas as ações em conservação e restauração, envolvendo a equipe multidisciplinar nas tomadas de decisão. Todas as práticas devem ainda ser devidamente documentadas, contribuindo para possíveis ações educativas dentro da instituição, como também para medidas avaliativas de sua eficácia.

Outro aspecto a ser salientado diz respeito à formação direcionada deste profissional. Segundo Froner e Rosado,

no Brasil, vários esforços têm sido feitos no sentido de definir a profissão e formar pessoal habilitado a exercê-la, principalmente por meio de organismos de classe, como a ABRACOR – Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores – e o CECOR – Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFMG.<sup>10</sup>

Para o planejamento das ações algumas diretrizes básicas devem ser observadas<sup>11</sup>, como equilíbrio entre as necessidades e práticas de conservação e exposição; respeito às condições de cada objeto e às suas necessidades de cuidado, considerando cada item como único e insubstituível; estabelecimento de rotinas para checagem das condições dos objetos; proteção contra agentes de degradação mais comuns; uso de materiais de qualidade para as atividades de conservação; treinamento e motivação da equipe envolvida.

A partir daí, o profissional faz a definição das técnicas e práticas a serem adotadas, realiza os tratamentos curativos e em conservação, conduz a documentação adequada (tanto textual quanto em imagens) e contribui para os processos de avaliação da eficácia das ações empreendidas.

Com os avanços nas discussões sobre cuidados preventivos e curativos, tornou-se necessária a abordagem de outros desafios: a definição de parâmetros para a manutenção e gestão das coleções, englobando novos questionamentos sobre riscos, valores e uso destas coleções pelas instituições e pela comunidade. Assim, a gestão de acervos passa também a envolver

---

<sup>10</sup> FRONER e ROSADO, 2008, p.17.

<sup>11</sup> MUSEUM e GALLERY COMMISSION, Illustrated guide of care of textiles.

ações que tem como objetivo definir prioridades e alocar recursos de forma a otimizar o valor destas coleções, diminuindo riscos associados aos acervos, ou seja, reduzindo as possibilidades de perda de valor. Os riscos a uma coleção cultural podem ser definidos como processos ou eventos atuantes nesta coleção que tem como consequência danos ou perdas em seu valor (e não somente em seus aspectos materiais); podem constituir eventos raros mas catastróficos, eventos ocasionais que levam a perdas em diferentes níveis ou mesmo processos contínuos com efeitos cumulativos<sup>12</sup>. A gestão de riscos traduz-se então em minimizar a perda de valor em uma coleção, através da identificação dos fatores de risco, sua quantificação e caracterização (estabelecendo-se sua relevância), como também pelo desenvolvimento e implementação de estratégias para a sua redução e controle, seja através de ações de conservação preventiva e curativa, mas também através de respostas adequadas aos eventos danosos. A próxima etapa neste processo diz respeito às avaliações e reavaliações das ações empreendidas, sempre no sentido de se buscar atualizações e melhorias das condições de salvaguarda nas instituições de memória.

Neste contexto, as ações em Conservação Preventiva se ampliam, atingindo campos diversos como processos relacionados ao meio ambiente (gerenciamento e monitorização ambiental, sustentabilidade ambiental), ações em planejamento e gestão institucional (com estabelecimento de um plano museológico com definições diagnósticas e de metas locais, gestão de recursos técnicos, financeiros e humanos) e gerenciamento de riscos.

Sabe-se que os tecidos abrigados em espaços museais estão sempre expostos à ameaça da deterioração, seja em galerias expositivas, reservas técnicas ou durante transportes e realização de tratamentos. Idealmente, os objetos têxteis podem necessitar de tratamentos e intervenções devido a más condições prévias à sua aquisição no espaço museológico, mas nunca devido primariamente às condições de guarda inadequadas nesta instituição. Para tanto, a determinação de um ambiente ótimo para um tecido, as fibras, os fios, os corantes, a estrutura do tecido e os cuidados básicos e de manipulação a serem instituídos devem ser estudados sob vários pontos de vista, para se garantir a estabilidade química e o suporte físico adequado, utilizando-se sempre materiais e técnicas corretas<sup>13</sup>. Quanto melhores as condições de guarda e exibição, menor a necessidade de um tratamento de intervenção no futuro.

---

<sup>12</sup> BROKERHOF, A. W. Collection risk management – the next frontier.

<sup>13</sup> KAJITANI, 1980, p. 91.

Para garantir a sobrevivência de um objeto têxtil, cabe ainda, ao profissional da conservação/restauração, entender a natureza de seu material, suas condições e seu impacto visual como objeto museológico para então estabelecer um programa de preservação a longo prazo<sup>14</sup>.

Os agentes de degradação atuantes em acervos têxteis<sup>15</sup> compreendem aspectos relacionados às condições microclimáticas e de conservação inadequadas, abrangendo aspectos relacionados à deterioração química, biológica e físico-mecânica. Iluminação inadequada, grandes variações de temperatura ou seus valores inadequados, grandes variações de umidade relativa ou seus valores inadequados, exposição a fungos e bactérias e à poluição são fatores comumente identificados. Modos expositivos e condições inadequadas de acondicionamento, embalagem, transporte e manipulação também funcionam como fatores causadores e agravadores de deteriorações. Aspectos relacionados às forças mecânicas como atrito, contato direto entre materiais e ação da gravidade também podem causar danos aos objetos têxteis. Outros agentes de degradação também identificados são possíveis substâncias agressoras das fibras, causando a fragilidade dos tecidos a partir de seus processos de fabricação e acabamento. Aspectos ligados a ações de segurança, como roubo, vandalismo, dissociação, exposição ao fogo e enchentes também atuam como agentes de deterioração a estes acervos.

Os objetos têxteis são muito vulneráveis a condições de iluminação inadequadas<sup>16</sup>. Tanto o calor e radiação infravermelha emitidos por lâmpadas incandescentes quanto radiações ultravioletas associadas ao uso de lâmpadas fluorescentes podem ser danosos. A exposição à luz natural também é prejudicial a estes acervos, causando degradação fotoquímica às fibras. O tamanho dos danos está relacionado ao tempo e à intensidade da exposição, como também à solidez e condições intrínsecas dos tecidos. Essa degradação muitas vezes não é perceptível a olho nu, porém é irreversível. Assim, o ICOM<sup>17</sup>, em seus *Guidelines for costumes conservation*, recomenda o uso das menores iluminâncias possíveis, além de métodos de iluminação indireta, difusa ou mesmo por difusão por superfícies brancas adjacentes aos objetos. As luzes devem ser mantidas ligadas pelo menor tempo possível (o uso de temporizadores e sensores de presença pode ser útil). Janelas e lâmpadas devem ter filtros ultravioleta que ajudam a retardar a degradação. O uso de filtros em vitrines e caixas

---

<sup>14</sup> KAJITANI, 1980, p. 89.

<sup>15</sup> NPS museum handbook, p. k9.

<sup>16</sup> KAJITANI, 1980, p. 93.

<sup>17</sup> ICOM, Costume committee, guidelines for costumes conservation.

de exposição também pode ser uma estratégia. A emissão de calor pelas lâmpadas incandescentes pode ser minimizada respeitando-se distâncias adequadas entre o objeto e a fonte de luz/calor. A quantidade de luz recomendada para objetos têxteis em exposição é no máximo de 50 lux emitida por uma fonte não emissora de radiação UV, com uma exposição anual acumulada referente a 8 horas por dia de exposição, 6 dias por semana, por um período de 6 semanas<sup>18</sup>. Estratégias do uso de gradações de intensidade em projetos de iluminação de espaços museais também podem ser úteis, pois podem possibilitar uma acomodação gradual do olhar do visitante, uma vez que a quantidade de luz pode modificar a percepção dos objetos.

A manutenção de condições ambientais seguras constitui-se em ponto de grande importância para a sobrevivência dos objetos têxteis em museus. Assegurar condições estáveis de temperatura e umidade relativa são importantes para a preservação de todas as tipologias de materiais e, principalmente, de materiais orgânicos. Mudanças e variações bruscas de parâmetros são tão danosas quanto valores extremos. O ICOM coloca como valores aceitáveis para a guarda de objetos têxteis umidade relativa entre 40 a 60% (+/- 10%) e temperatura entre 61 a 77°F (16 a 25°C)<sup>19</sup>. Temperaturas ambientes acima de 20°C e valores de umidade relativa acima de 65% estão relacionadas com crescimento de fungos e microrganismos<sup>20</sup>. Infestações por insetos podem estar relacionadas a temperaturas elevadas. Políticas institucionais para controle de pragas são necessárias, sempre levando-se em consideração o macro-ambiente no qual a instituição está inserida.

Cuidados com a manutenção dos parâmetros microclimáticos também nas áreas de reserva técnica, onde os objetos passarão a maior parte de sua vida, são indispensáveis. Para tanto, questões gerais como a manutenção da limpeza das salas, controle de ar condicionado quando presente, circulação de ar estável (evitar ar estagnado que pode contribuir para aumentar a deterioração das fibras e também evitar correntes de ar que podem causar circulação de poeira) assumem grande importância. O bloqueio de janelas com filtros UV e com proteção contra poeira, luz e calor também pode ser uma estratégia em algumas localidades. O controle dos espaços de trabalho também é necessário, assim como o

---

<sup>18</sup> ISHII, M. 2015, p.31.

<sup>19</sup> ICOM, 2014.

<sup>20</sup> ISHII, M. 2015, p.24.

treinamento de todo o pessoal envolvido no cuidado às coleções. O uso de monitoramento ambiental deve ser encorajado de acordo com as condições reais de cada instituição.

Os modelos expositivos e de armazenamento ocupam espaço importante como agentes causais e catalizadores de danos aos acervos têxteis. A grande diversidade observada neste tipo de acervo (objetos planos, tridimensionais, de dimensões e formatos muito variados, com presença de diferentes tipos de materiais simultâneos) traz aos conservadores grandes desafios para a sua estocagem em locais de reserva técnica e exposições em espaços museais. Sabe-se que condições de armazenamento ideais são muito difíceis de serem atingidas, principalmente em nosso meio. O planejamento das decisões deve sempre respeitar os conceitos de bom acondicionamento, as necessidades específicas das coleções (suas tipologias e condições materiais) e os recursos das instituições envolvidas.

De forma geral, os tecidos planos podem ser armazenados na horizontal com menor risco de danos permanentes<sup>21</sup>, seja através do uso de gavetas, bandejas ou caixas, sempre fabricadas em materiais quimicamente estáveis e livres de ácidos. Caixas não podem ter dimensões nem peso exagerados (seu manuseio se torna muito difícil), dificultando ainda seu transporte dentro da própria instituição. Seu interior deve ser macio e permitir limpeza facilmente. As tampas não podem permitir a entrada de poeira. Os objetos devem ser dispostos sempre individualmente e com cobertura para sua proteção (cobertura em poliéster que permite visualização direta ou algodão não tingido). O uso de cartões de suporte facilita seu manuseio. Um programa de substituição das caixas deve ser implementado. Dobras, áreas amassadas e vincos devem sempre ser evitados, podendo causar danos às fibras. Se o objeto possui pregas e dobraduras, estas devem ser acolchoadas por rolos ou suportes especiais também em material inerte. O uso de etiquetas identificadoras é essencial, contribuindo para a redução da manipulação dos objetos quando devidamente identificados. A escolha de mobiliário adequado às características da coleção também é fundamental, respeitando-se o tamanho e a capacidade de cada espaço destinado ao armazenamento, como também a circulação de ar e de pessoas.

Para o acondicionamento de objetos de grandes dimensões<sup>22</sup>, o uso de técnicas de se enrolar os têxteis pode ser preferível, pois oferece suporte e proteção quando corretamente executadas. Estes objetos devem ser enrolados com ambos os lados protegidos, com o

---

<sup>21</sup> ROBINSON, J. PARDOE, T. 2000, p.24.

<sup>22</sup> ROBINSON, J. PARDOE, T. 2000, p.26.

anverso para “fora”, em rolos também de material inerte. Superfícies irregulares devem ser protegidas com papel livre de ácido para facilitar seu enrolamento. Os rolos devem estar seguros com suportes nos dois lados. A correta identificação dos objetos é sempre essencial.

O armazenamento de vestimentas e objetos tridimensionais em boas condições pode ser realizado em cabides especiais acolchoados (cabides comuns causam distorções na forma dos trajes). Essa forma de armazenamento tem como vantagens<sup>23</sup> possibilitar a localização e manipulação mais fácil dos itens da coleção, além de manter sua forma e de ter custos mais baixos. Os espaços entre os itens devem ser mantidos. O uso de capas protetoras é aconselhável, podendo ser confeccionadas em algodão ou poliéster. Porém, a ocorrência de atrito entre peças, cabides sobrecarregados ou objetos muito pesados também podem levar a distorções nos tecidos. As áreas dos ombros e da cintura devem sempre suportar adequadamente o peso dos trajes; objetos com alças finas não devem ser pendurados, como também deve-se evitar pendurar itens enfraquecidos, com danos extensos e aqueles com fios e costuras soltas. Acessórios podem ser rígidos ou não e devem ter suas necessidades avaliadas individualmente. Chapéus geralmente necessitam de suporte interno para manutenção de sua forma. Outros objetos como sapatos, joias, leques, luvas, sombrinhas também devem ser analisados item por item, pois não há soluções generalizadas e universais, devendo sempre ser individualizadas.

Com relação às técnicas expositivas, deve-se sempre ter em mente as condições materiais de cada item antes de se optar por sua exposição. Assim, as condições do objeto acabam por determinar as possibilidades de sua exposição. Atingir o equilíbrio entre o desejo e necessidade de exposição de um item e as condições ótimas para sua conservação nem sempre é tarefa fácil dentro das instituições. O ICOM<sup>24</sup> coloca como regra geral em suas diretrizes o fato de que um objeto têxtil não deve ser exposto indefinidamente. Formas de exposição não protegidas também são desaconselhadas de acordo com as diretrizes do ICOM<sup>25</sup>, uma vez que flutuações de parâmetros ambientais podem ser mais danosos. O uso de alfinetes e costuras também deve ser evitado.

Para os itens tridimensionais (vestes, uniformes e vestimentas)<sup>26</sup>, a exposição com uso de cabides acolchoados desenhados e construídos sob medida, de forma a simular o formato

---

<sup>23</sup> ROBINSON, J. PARDOE, T. 2000, p.31.

<sup>24</sup> Environmental guidelines ICOM-CC and IIC Declaration

<sup>25</sup> Environmental guidelines ICOM-CC and IIC Declaration

<sup>26</sup> ROBINSON, J. PARDOE, T. 2000, p.31

dos ombros, é aconselhável mas nem sempre possível. Já o uso de manequins deve se basear em aspectos estéticos e de conservação, além de questões relacionadas às condições próprias de cada instituição (disponibilidade de recursos). Os manequins<sup>27</sup> são mais efetivos para a exibição de vestimentas, mas também de desenho mais difícil e custos mais elevados. Podem oferecer um suporte mais adequado, mas também podem constituir-se em riscos nos processos de colocação e remoção de peças mais frágeis. Eles tem como características desejáveis<sup>28</sup>: divisão em secções desmontáveis, cada uma delas com seu suporte; a área da cintura deve ser acolchoada, oferecendo o suporte necessário; a base deve oferecer equilíbrio suficiente, podendo ser constituída por metal ou madeira; deve possibilitar o apoio da vestimenta em formas acolchoadas, acompanhando as dimensões e formas específicas dos modelos. Assim, para possibilitar a segurança de um objeto têxtil em exposição, a construção de um manequim ideal deve prever as condições, formas e condições materiais do objeto, os materiais disponíveis e a engenhosidade da equipe da instituição.

Com relação às questões de manuseio e transporte, é sempre importante salientar: a necessidade do uso de luvas (evitar-se a gordura e sujeira das mãos), o treinamento de todo o pessoal envolvido, o uso de suportes acolchoados e estruturas facilitadoras, além de ambientes de trabalho propícios. O planejamento destas ações também é de grande importância, além do uso de materiais sempre adequados e de qualidade. Porém, aqui a premissa básica será sempre o manuseio mínimo destes objetos<sup>29</sup>.

Assim, torna-se seguro afirmar que as ações em Conservação Preventiva são mais efetivas que ações curativas e de restauração nos processos de busca de melhores condições para acervos museais, uma vez que são aplicadas às coleções e seus conjuntos e não à itens individuais, possibilitando medidas e reavaliações a longo prazo. Devem, portanto, ocupar lugar de destaque no repertório de ações dos profissionais da Conservação e Restauração.

---

<sup>27</sup> ROBINSON, J. PARDOE, T. 2000, p. 38.

<sup>28</sup> NORTON, R. E. p.54.

<sup>29</sup> NPS museum handbook. p.k13.

### 3 ESTUDO DE CASO – A veste de Juscelino Kubitscheck no Centro de Memória da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais

#### 3.1 Análises formais, estilísticas e materiais

A vestimenta em exposição no CEMEMOR (figura 1) é composta por quatro partes: a veste em tecido negro (veste talar), a pala rendada (ou *jabour*), a faixa abdominal (fixada à veste talar) e o capelo, correspondendo à descrição mais habitual das vestes usadas em cerimônias acadêmicas. Seguiremos esta sequência para as análises a seguir.

Figura 1 – A beca do CEMEMOR. Frente e verso.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

A veste talar é longa e apresenta-se em formato triangular com medida total de 141 x 56 cm, com mangas duplas, uma longa ajustada ao braço (com comprimento 50 cm), sobreposta por uma manga na altura dos cotovelos (medindo 30 cm de comprimento), ampla e enviesada.

Observa-se, na manga direita, a cerca de 17 cm do punho, um emblema bordado em linha dourada (figura 2). Existem pequenos apliques de faixas de renda branca de 1,5 cm de largura tanto no acabamento dos punhos (figura 3) como também na gola, que apresenta-se no modelo mais comumente denominado “gola padre”, medindo 3,5cm, atingindo 5,5 cm contando-se com o aplique em renda branca em sua parte superior.

A veste possui abotoamento no colarinho da gola (figura 4), deslocado do centro em igual medida, um à direita e outro à esquerda, na direção da largura do pescoço. Um terceiro abotoamento é encontrado na direção do abotoamento à direita da veste, na altura da cintura. Os três (3) botões se apresentam na cor preta, sendo provavelmente de material plástico.

Observada frontalmente, seu caimento se faz direto, sendo ajustada na altura da cintura por uma faixa verde com fechamento em fivela metálica dourada. Referida faixa é fixa através da costura de fechamento da veste, nas laterais direita e esquerda, não aparecendo no lado posterior da veste. Da altura dos ombros são fixadas junto à costura superior da veste e em toda a costura lateral do corpo, duas medidas verticais de tecido que se apresentam soltas sobre a parte frontal da veste, como se fossem uma sobreveste, sendo responsáveis pelo aspecto triangular frontal de todo o modelo. Apresenta aberturas que sugerem formas de bolsos (falsos), modelo faca, nas duas laterais, medindo 20 cm.

A parte posterior da veste apresenta-se em modelagem semelhante à parte frontal, sendo, no entanto, ajustada na altura da cintura por três (3) costuras franzidas (medindo no total 37 x 12 cm) com elástico no verso, ajustando a amplitude do modelo à cintura. Dos ombros cai um tecido de forma quadrangular (medindo 45 x 45 cm), que fica solto até a altura da cintura nas costas (figura 5).

Na sua confecção foi utilizada costura mecânica (à máquina), contínua, realizada com linha de costura também na cor preta (figura 6). Seu comprimento indica que foi destinada ao uso de um adulto de estatura média. Ela apresenta também pequena alça em sua porção superior, possivelmente para ser pendurada.

Na face interna observam-se duas etiquetas costuradas logo abaixo da gola: a primeira, de formato retangular, mede 2 x 3 cm e apresenta as letras “JK” bordadas em linha amarela (figura 7). A segunda etiqueta tem formato trapezoidal, medindo 6,5 x 2,5 cm, na qual está escrito “*Alfaiate Eclesiástico Rebullá Junior Rio*”, identificação do local de confecção da veste. A vestimenta apresenta etiqueta de patrimônio do CEMEMOR.

Figura 2 – Veste talar, bordado em manga direita.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 3 – Veste talar, detalhes da renda em punho e gola.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 4 – Veste talar, detalhe do *jabour* e seu abotoamento.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 5 – Veste talar, detalhe da capa sobre os ombros.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 6 – Veste talar, detalhe da costura contínua.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 7 – Veste talar, etiqueta interna.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

O segundo item corresponde ao *jabour* (figura 8), elemento em renda branca, medindo 32 x 7 cm, afixado à gola da veste através de um colchete de gancho simples, metálico prateado. Referida peça é confeccionada com a montagem de entremeios de, aproximadamente, 2,5cm

de largura, feito de renda industrial, costurados, formando uma parte central na largura do entremeio, rodeada pelo mesmo entremeio franzido e aplicado na extremidade central, em toda a sua extensão longitudinal (30 x 7 cm). Esta parte é dobrada em igual comprimento e sobre a dobra é costurada uma laçada em formato de gravata borboleta, medindo 10x 4,5 cm.

Figura 8 – *Jabour*.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

O terceiro elemento da veste corresponde à faixa abdominal: é lisa e confeccionada em tecido de cor verde (figura 9). Referida faixa, se apresenta somente na parte frontal da veste, costurada às laterais da vestimenta e com fechamento através de fivela metálica dourada leve, em formato retangular com cerca de 4,5 x 7,5cm (figura 10). A faixa tem 17cm de largura máxima e 5,5 cm no ponto de menor largura; está constituída em tecido verde, cor correspondente à área de conhecimento da saúde.

Figura 9 – Faixa abdominal.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 10 – Faixa abdominal, detalhe da fivela metálica.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

O último elemento da veste corresponde ao barrete ou capelo, chapéu usado nas cerimônias de concessão de grau acadêmico (figura 11). Apresenta-se com 19 cm de diâmetro, constituído em tecido de cor preta e com forro interno em tecido verde. Ele apresenta decoração em faixa na sua circunferência em tecido de cor verde (o mesmo encontrado na

constituição da faixa abdominal) de cerca de 3cm de largura, encimado por ornamento marabu (plumagem) em cor branca, com altura de cerca de 4cm.

A peça apresenta na parte central da lateral esquerda do capelo o símbolo da profissão da Medicina, bordado em linha amarela dourada sobre retângulo do mesmo tecido de cor verde medindo 8,5 x 2,5 cm. Internamente o capelo é revestido por um tecido de cor verde, tendo como arremate de borda uma faixa de coloração marrom, medindo cerca de 52 cm em sua circunferência interior. Encontra-se também no interior do capelo uma etiqueta costurada ao seu forro em formato trapezoidal medindo 6,5 x 2,5 cm com identificação do fabricante (figura 12). O capelo também possui etiqueta com número de patrimônio do CEMEMOR.

Figura 11 – Capelo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 12 – Capelo, detalhe da face interna com etiqueta de identificação do fabricante.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

A vestimenta do CEMEMOR obedece aos modelos de veste talar mais comumente descritos: sempre em cor negra, com comprimento que encobre os calcanhares e mangas longas. Gola do tipo padre. A faixa abdominal tem cor representativa da área de conhecimento correspondente. Os elementos em renda tem geralmente cor branca, posição central no tórax e comprimento até a faixa na cintura. O capelo pode ou não apresentar pingente associado (neste caso ausente). Outros elementos também descritos não estão presentes neste conjunto como a murça, a samarra e o torçal com borla pendente.

Nos acervos do CEMEMOR foi possível identificar alguns modelos de vestes acadêmicas empregadas na instituição ao longo dos anos através de fotografias, pinturas e painéis de formaturas antigas, exemplificando-se assim seu percurso ao longo do tempo em nosso meio. Nestes arquivos pode-se observar o modelo de vestimenta usado pela primeira mulher diplomada pela UFMG em 1919, Doutora Alzira Reis (figura 13), marcado por *jabour* único alongado em renda, com extremidade inferior de maior largura, encimado por gravata borboleta em tecido; o capelo aparece ornamentado por marabu em uma faixa intermediária entre outras duas faixas de tecido negro, apresentando-se mais alto que em outros modelos. A fotografia em preto e branco não permite a confirmação do uso de outros elementos como a faixa abdominal.

Figura 13 – Médica em trajes de formatura em 1919.



Fonte: CEMEMOR.

O registro fotográfico do então formando JK (1927) mostra o uso de vestimenta semelhante à descrita acima, apresentando ainda dois botões sobre a linha do ombro esquerdo (figura 14). O *jabour* tem aspecto mais afilado, aplicado sob gravata branca em tecido sobre a gola da veste. O capelo tem imagem parcial apenas, mas parece apresentar quatro faixas distintas, uma mais inferior em tecido negro, uma faixa em tecido mais claro (possivelmente na cor verde), um aplique em marabu e uma última faixa superior em tecido também negro.

Figura 14 – JK em trajes de formatura.



Fonte: CEMEMOR.

Na galeria Luís Gomes Ferreyra está exposto um painel em madeira com imagens dos médicos formandos, autoridades e homenageados do ano de 1932 (figura 15). Nas fotografias em preto e branco pode-se identificar a veste acadêmica em tecido negro com presença de dois botões sobre a linha do ombro esquerdo, possivelmente para aplique de ornamento murça também com bordas em marabu, como usado pelas autoridades nas fotos em destaque na parte superior do painel. O *jabour* em renda branca tem dimensões maiores em sua largura e está aplicado junto à gola e sob a gravata borboleta em tecido também branco. O capelo tem constituição mais alta e apresenta ornamento em marabu em camada intermediária entre duas faixas em tecido negro. Apresenta também aplique com símbolo da Medicina (Bastão de Esculápio ou Asclépio, representado por um bastão envolvido por uma

serpente) em alto relevo em seu lado esquerdo. Não é possível a identificação de outros elementos (figuras 16 e 17).

Figura 15 – Painele em madeira com formandos de 1932.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 16 – Médico formando de 1932.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 17 – Médico homenageado de 1932.



Fonte: arquivo pessoal, 2017.

Em registros fotográficos em preto e branco de um formando do ano de 1947 (figura 18) pode-se observar o uso de *jabour* alongado em renda branca com gravata borboleta (de maiores dimensões) em sua parte superior, também em renda. Ele está aplicado sobre colarinho em tecido branco e gola tipo padre da vestimenta acadêmica. O capelo parece ser constituído em tecido algo mais brilhante e de textura diferente da veste (veludo) e apresenta ornamentos como aplique com símbolo da Medicina em seu lado esquerdo e aplique em marabu em sua porção superior. A faixa observada na região abdominal apresenta-se em tom mais claro, tem maior largura e possui aplique central em formato circular franzido no centro onde se faz acabamento com botão forrado do mesmo tecido. Seu tecido parece ter textura brilhante, sugerindo possível constituição em seda.

Figura 18 – Formando do ano de 1947.



Fonte: CEMEMOR.

O registro fotográfico dos formandos do ano de 1948 (figura 19) está representado em um painel também em preto e branco que conta ainda com as imagens das autoridades acadêmicas, paraninfo, patrono e professores homenageados. Os formandos vestem beca em cor negra, com *jabour* em cor branca em formato mais arredondado e mais curto, aplicado sobre a gola em tecido com gravata borboleta também branca. Em algumas fotografias é possível a identificação parcial da faixa abdominal em cor mais clara, porém sem a visualização de ornamentos. O capelo apresenta o aplique em marabu como ornamento único.

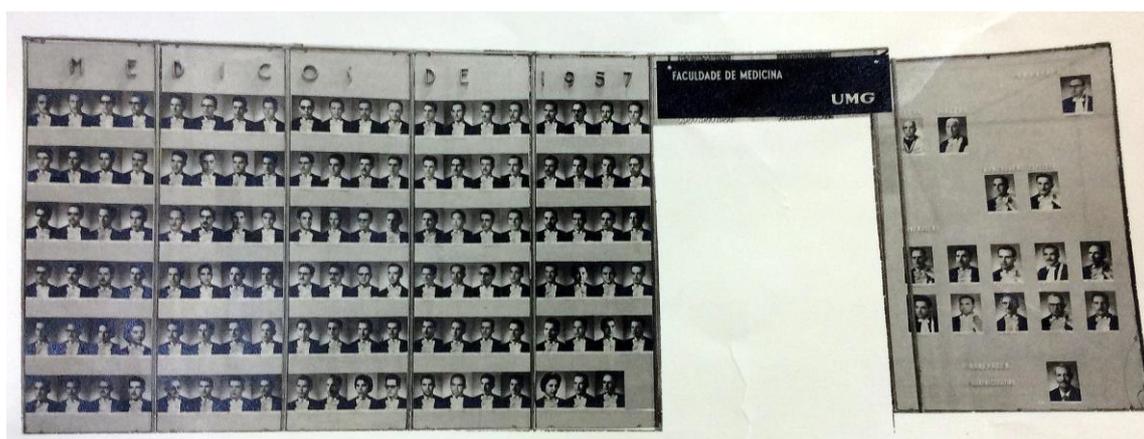
Figura 19 – Médicos de 1948.



Fonte: CEMEMOR.

O registro da turma de 1957 (figura 20) mostra o uso de veste em cor negra, com *jabour* mais amplo em cor branca aplicado em gola em tecido também branco. Não há presença de outros elementos.

Figura 20 – Médicos de 1957.



Fonte: CEMEMOR.

Já o registro de 1959, mesmo ano da cerimônia de JK como professor honorário, mostra uma ex-aluna, Doutora Maria Inês Bruzzi Boechat, com veste em cor negra, com *jabour* em renda branca aplicado sob gravata em tecido branco (figura 21). Aqui também não se encontram registros de outros elementos.

Figura 21 – Médica de 1959.



Fonte: CEMEMOR.

Quanto aos materiais, os produtos têxteis são confeccionados desde a pré-história, acompanhando o desenvolvimento civilizador da humanidade. Culturas e processos diversos promoveram o desenvolvimento de técnicas que permitiram que diferentes desenhos fossem executados através do entrelaçamento dos fios, nas diversas tipologias encontradas até os dias de hoje.

Os materiais têxteis, utilizados na confecção da veste estudada, foram inicialmente observados com lupa e conta fios, sendo posteriormente fotografados com microscópio USB (*Celestron Handheld Digital Microscope Pro*) o qual permitiu verificar sua estrutura (figuras 22, 23, 24 e 25) e os fios que os compõem. Encontramos entrelaçamentos diversos, tais como

tela na veste talar e forro do barrete; veludo no barrete e outras tipologias como renda no *jabour*, mangas e gola e o marabu no capelo.

Historicamente, esta tipologia de veste seria confeccionada, em todas as suas estruturas têxteis, com materiais nobres, certamente seda, tendo a parte do marabu branco constituição em pelo de animal. No entanto, no século XX, com o advento da produção industrial têxtil e do desenvolvimento das fibras artificiais e sintéticas, muitas delas imitando o aspecto estético das sedas e pelos, os materiais nobres foram parcial ou totalmente substituídos pelos produtos têxteis quimicamente desenvolvidos.

As análises organolépticas observadas diretamente sobre os materiais constituintes identificaram precisamente a técnica, mas devido ao estado em que se apresentam os materiais e às intervenções realizadas na preparação da peça para exposições, marcas e características se apresentam de modo que podem induzir ao erro na identificação direta dos materiais constitutivos.

Neste sentido, foram solicitadas análises laboratoriais, realizadas no LACICOR, de fiapos encontrados em áreas de perda de três dos tecidos constituintes do objeto em estudo: a veste talar de cor preta, a faixa de cor verde da cintura e o veludo de cor preta do capelo.

Figura 22 – Detalhe do tecido negro ao microscópio USB.

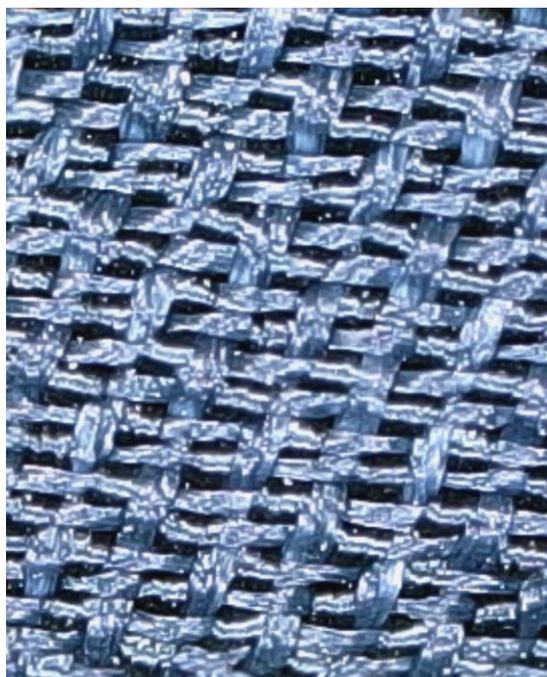
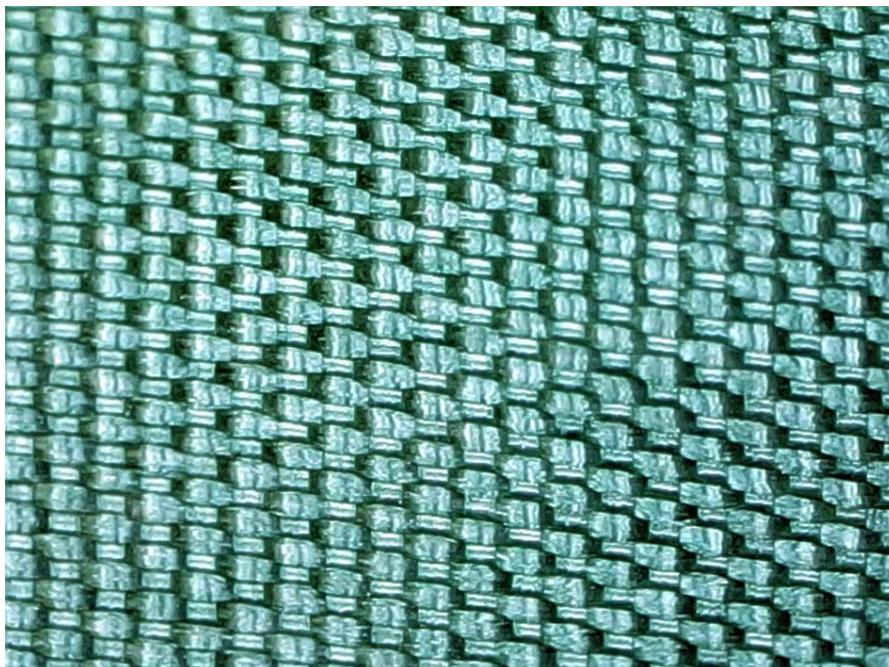
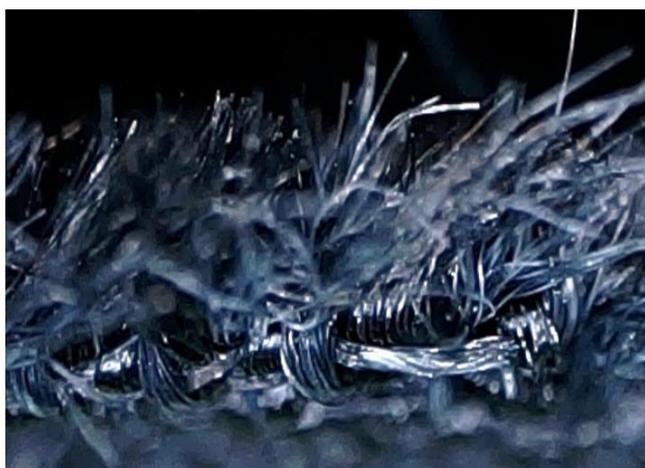


Figura 23 – Detalhe do tecido da faixa verde ao microscópio.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 24 – Detalhe do tecido do capelo ao microscópio (BASE e PELO).



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 25 – Detalhe da renda ao microscópio.



Fonte: arquivo pessoal, 2017.

As análises conduzidas no LACICOR comprovaram a origem não natural das fibras de todos os elementos constituintes da veste, sendo assim identificadas através de Microscopia de Luz Polarizada (ver Anexo A): tecido preto da veste como fibra sintética, sugerindo-se poliéster; tecido da faixa verde como fibra sintética, sugerindo-se *rayon* e tecido do capelo como fibra sintética, sugerindo-se poliéster com *rayon*.

O marabu é composto por material sintético, bem como o acabamento marrom interno do barrete. Os bordados encontrados podem ser identificados como linha natural de algodão, nas iniciais e etiquetas de fabricação encontrados internamente ao vestuário. Outro tipo verificado é realizado com fios metálicos dourados, seja na lateral da manga como na lateral do barrete.

As fibras químicas podem ser *artificiais*, produzidas a partir de compostos de celulose (*rayon* de viscoso e *rayon* de acetato), ou *sintéticas*, produzidas a partir de compostos petroquímicos, como as poliamidas (*nylon*, *perlon*), poliéster, poliuretano, acrílicas e vinílicas. As fibras químicas podem se apresentar de três formas distintas: monofilamentos, formadas por um único filamento contínuo, multifilamentos, formadas por pelo menos dois

filamentos contínuos unidos e as fibras cortadas, formadas pelo seccionamento de um feixe de filamentos contínuos.

Para o reconhecimento das fibras pode-se utilizar diferentes técnicas, como combustão (análise dos tipos de chama, odor), técnicas químicas (reações com produtos químicos) e microscopia ótica (análise de secções transversais e longitudinais), combinadas ou não entre si.

As fibras artificiais foram introduzidas no Brasil quase simultaneamente ao mercado internacional, tendo seu maior desenvolvimento a partir de 1931, com a Companhia Brasileira Rhodiaceta (atualmente Rhodia)<sup>30</sup>. O *rayon* viscose, tipo de fibra artificial mais comumente utilizado na indústria têxtil, tem características semelhantes às do algodão em relação à absorção de umidade e resistência à tração, podendo ser utilizado puro ou em misturas com outras fibras. Tem também toque macio e caimento suave, comparável ao do algodão.

As fibras sintéticas surgiram após a Segunda Guerra Mundial diante do desafio da necessidade de aumento de demanda têxtil, alavancando pesquisas neste segmento químico. O *nylon* (poliamida) foi a primeira fibra sintética produzida industrialmente a partir das pesquisas de Wallace H. Carothers para a E.I. du Pont de Nemours & Co.<sup>31</sup>, ainda nos anos 1930, sendo inicialmente utilizado na fabricação de produtos destinados à guerra. A partir de 1940 o público americano começou a receber produtos comerciais confeccionados em *nylon*, como meias e roupas íntimas. No Brasil, as fibras sintéticas tiveram sua produção iniciada a partir de 1955, também pela Rhodia<sup>32</sup>. As suas fibras tem como características principais uma elevada resistência mecânica, baixa absorção de umidade e boa aceitação de acabamentos têxteis. O poliéster, outra fibra sintética desenvolvida no final dos anos 40 a partir de produtos provenientes do carvão e do petróleo, teve sua produção em caráter industrial a partir dos anos 50 nos Estados Unidos. Acabou por se tornar a fibra sintética de maior utilização no setor têxtil<sup>33</sup>, podendo ainda estar associada a outros tipos de fibras, como algodão, viscose, *nylon*, linho ou lã. Apresenta elevada resistência à umidade, à tração e aos agentes químicos (ácidos e álcalis). Outras fibras sintéticas foram sendo desenvolvidas

---

<sup>30</sup> ROMERO, L.L. VIEIRA, J.O.W.M. MEDEIROS, L.A.R. MARTINS, R.F., p.57.

<sup>31</sup> COOK, J. G. 1993, p.195.

<sup>32</sup> ROMERO, L.L. VIEIRA, J.O.W.M. MEDEIROS, L.A.R. MARTINS, R.F., p.55.

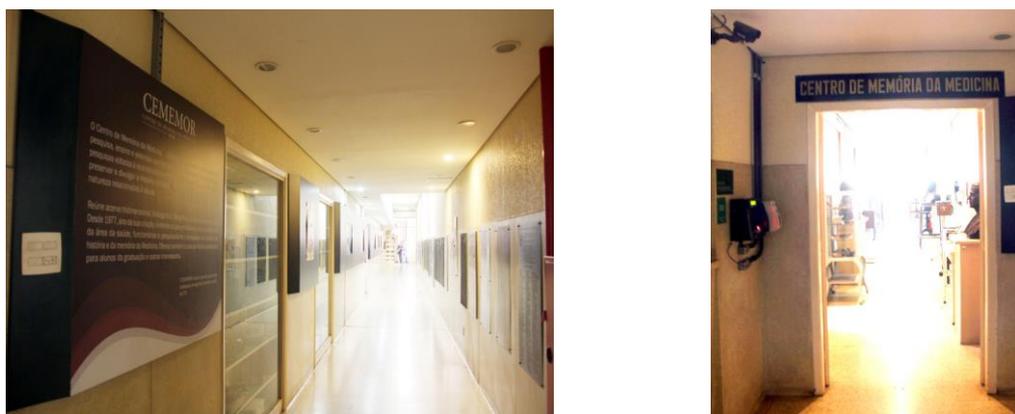
<sup>33</sup> ROMERO, L.L. VIEIRA, J.O.W.M. MEDEIROS, L.A.R. MARTINS, R.F., p.58.

ao longo dos anos, como as fibras de acrílico, as fibras oleofínicas (polipropileno), as fibras de vidro e o poliuretano (lycra), todas com suas aplicações específicas na indústria têxtil.

### 3.2 Aspectos históricos: O Centro de Memória da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais e Juscelino Kubitschek

O Centro de Memória da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (figura 26) foi criado em 1977 e formalizado em 12 de junho de 1979 através da Resolução 02/79 do Conselho Departamental da Faculdade de Medicina da UFMG e tem como missão “promover através do recolhimento, preservação, pesquisa e difusão, a memória científica e tecnológica na área da saúde em Minas Gerais”<sup>34</sup>. É um órgão complementar à Faculdade de Medicina da UFMG e “um centro interdisciplinar de Pesquisa, Ensino e Extensão”<sup>35</sup>. O Centro de Memória faz parte da Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG e participa da REMIG, Rede de Museus Institucionais de Minas Gerais. Seu Plano Museológico (ver em Anexo B) foi aprovado neste ano de 2017 e seu público alvo divide-se em público interno – alunos, professores, funcionários da Faculdade de Medicina, e externo – visitantes e pesquisadores. O Centro recebe cerca de 850 visitantes registrados no Livro de Registros a cada ano, além de cerca de 6500 acessos a seu *site* oficial.

Figura 26 – O CEMEMOR.



Fonte: arquivo pessoal, 2017.

<sup>34</sup> Plano Museológico – CEMEMOR, 2017, p.4.

<sup>35</sup> Ibidem, p.4.

Seu acervo está composto por objetos de diferentes tipologias, relacionados tanto à prática médica quanto ao conhecimento científico na área da saúde (figura 27). Ele foi reunido a partir de doações da própria UFMG e também de particulares e é composto atualmente por:

- Conjunto tridimensional: equipamentos, mobiliário, indumentárias, instrumentos relacionados ao ensino, à pesquisa e à prática médicas, objetos pessoais.
- Conjunto textual: manuscritos, impressos, plantas, projetos arquitetônicos, documentação administrativa e acadêmica da Faculdade de Medicina, da instituição hospitalar, de clínicas particulares e acervos de pesquisadores ou professores da UFMG.
- Conjunto Audiovisual: gravações em áudio e vídeo, fotografias, filmes e negativos em vidro e celuloide.
- Conjunto Bibliográfico: livros, teses, guias, dicionários, formulários, atlas, periódicos (principalmente no período entre os séculos XIX e XX), além de obras raras<sup>36</sup>. Atualmente a instituição encontra-se em processo de estabelecimento de seu inventário, contando apenas com uma parcela de seu acervo já catalogado.

Figura 27 – Acervo CEMEMOR.

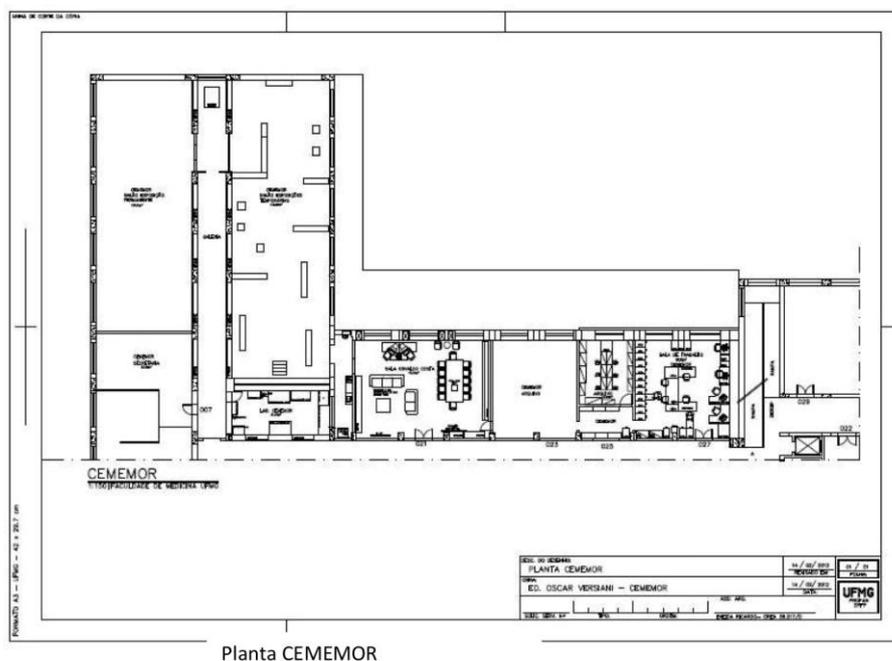


Fonte: arquivo pessoal, 2017.

<sup>36</sup> Plano Museológico - CEMEMOR, 2017, p7.

Suas instalações ocupam hoje uma área de cerca de 580m<sup>2</sup> no andar térreo da Faculdade de Medicina, localizada à Avenida Alfredo Balena, número 190, no *Campus Saúde*, em Belo Horizonte. Possui duas galerias de exposição (Galeria Antônio Gomide e Galeria Luís Gomes Ferreyra), uma sala com espaço para o Desenvolvimento de Ação Educativa (sala Oswaldo Costa), uma Biblioteca, uma sala de Pesquisa e Documentação, duas salas de Reserva Técnica, uma sala de Administração, um corredor interno com 12 vitrines expositivas e um corredor externo para exposições temporárias.

Figura 28 – Planta CEMEMOR.



Planta do Centro de Memória

Fonte: Plano Museológico, p.11, anexo B.

A equipe é atualmente composta por um coordenador, um coordenador acadêmico, um secretário – funcionário administrativo, um funcionário técnico de informática, estagiários, voluntários e colaboradores. Apesar de não contar com um profissional da Conservação em seu quadro fixo, o Centro de Memória desenvolve atividades de conservação de seu acervo e possui quatro higrômetros, um desumidificador, uma mesa higienizadora dupla e dois aspiradores de pó. Estas ações são desenvolvidas por outros funcionários do museu, como

também por uma conservadora profissional em caráter de trabalho voluntário. Atualmente, a historiadora e professora Ethel Mizhaly Cuperschmid é a Coordenadora acadêmica e responsável pela gestão das coleções, atuando também nas ações de conservação dos objetos.

Dentro do acervo tridimensional do CEMEMOR encontra-se em exposição permanente uma vestimenta de grande valor histórico e emocional para a instituição: o conjunto de beca, *jabour*, faixa e capelo reconhecido como vestuário usado por Juscelino Kubitschek, ex-aluno da Faculdade de Medicina da UFMG, na solenidade de concessão do seu título de Professor Honorário em dezembro de 1959 (figura 29).

Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), nascido em Diamantina, Minas Gerais, chegou a Belo Horizonte em 1920. Formou-se em Medicina pela UFMG em 1927<sup>37</sup> e especializou-se em Urologia em Paris. Fez carreira na Polícia Militar de Minas Gerais, atingindo o posto de tenente-coronel-médico e também atuou como professor assistente na Faculdade de Medicina da UFMG.

JK ingressou no meio político somente em 1933, como Secretário de Governo de Minas Gerais, ao lado de Benedito Valadares, o então Interventor de Minas Gerais. Em 1934 foi eleito deputado federal, cargo que exerceu até 1937 quando do fechamento do Congresso Nacional e instalação do Estado Novo. Retornou então à prática médica até sua nomeação como prefeito de Belo Horizonte mais uma vez por Benedito Valadares, cargo que ocupou no período de 1940 a 1945. Com o fim do Estado Novo, foi novamente eleito deputado federal e mais tarde governador de Minas Gerais, cargo exercido no período de 1951 a 1955, quando renunciou ao governo de Minas para se lançar às eleições presidenciais. JK foi eleito presidente em 1956 e governou por cinco anos, até 1961, cumprindo integralmente seu mandato.

Em 1959 recebeu o título de Professor Honorário da UFMG em solenidade formal na Escola de Medicina. Em 1961, após o término do mandato de presidente, foi eleito senador pelo estado de Goiás até a cassação de seu mandato e suspensão de seus direitos políticos em 1964, mantidos por 10 anos. Ingressou então em um período de exílio voluntário, só retornando definitivamente ao país em 1967. JK aguardava o retorno de seus direitos

---

<sup>37</sup> CAMPOS, M.M. 1961.p.343.

políticos para uma nova candidatura na vida pública quando sofreu um acidente automobilístico em 1976 que causou sua morte<sup>38</sup>.

Referido conjunto, objeto de análise do presente projeto, é instituído como acervo já catalogado da coleção, com destaque singular focado na figura de seu ex-aluno, ex-professor assistente e ex-presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek. Os documentos que validam sua historicidade, para o CEMEMOR são alguns relatos de ex-professores da instituição<sup>39</sup>, um álbum de fotografias registrando as atividades da solenidade formal no Salão Nobre da Faculdade de Medicina da UFMG (figura 30), bem como a ata da solenidade (figura 31) registrada como *Ata da 17ª Sessão Ordinária da Congregação da Faculdade de Medicina, aos 22 de Dezembro de 1959* (ver Anexo C).

Além destes registros supra citados e historicamente considerados integradores de autenticidade dos objetos, não foram encontrados quaisquer outros documentos ou fontes primárias significativas que pudessem corroborar com a verificação dos fatos ocorridos e historicizados.

O fato é que a veste é considerada objeto de importância maior dentro da coleção<sup>40</sup> e ocupa espaço de destaque à entrada da Galeria Luís Gomes Ferreyra, sendo apresentada pelos monitores aos visitantes como item de elevado valor sentimental para a instituição. Está em exposição permanente desde 2011, tendo sido emprestada para mostra temporária no Museu Histórico Abílio Barreto em agosto de 2017.

A beca ou vestimenta acadêmica tem suas origens ligadas ao início das universidades europeias nos séculos XII e XIII, onde tanto alunos quanto professores usavam túnicas que se assemelhavam às vestes litúrgicas (figura 32). Alguns registros remontam a códigos de vestimentas da Universidade de Coimbra em 1321 e do Reino Unido na segunda metade do século XIV, sempre com referências ao uso de vestes longas e condenações ao uso de “excessos”<sup>41</sup>. Durante o reinado de Henrique VIII regras rígidas e códigos de vestimentas foram adotados nas universidades de Cambridge e Oxford, sujeitas ao controle acadêmico estrito. Ao longo do tempo, várias modificações foram sendo realizadas pelas diferentes

---

<sup>38</sup> Memorial JK. Disponível em <[www.memorialjk.com.br](http://www.memorialjk.com.br)>

<sup>39</sup> Entrevista com Dr. João Amílcar Salgado, ex-professor da UFMG, em 28 de setembro de 2017.

<sup>40</sup> Conforme apurado através de entrevistas realizadas com museólogo da instituição, Alexandre Guilherme de Miranda Azevedo Menezes.

<sup>41</sup> SULLIVAN, E. *An academic costume code and an academic ceremony guide*.

instituições, mas conservando-se sempre o caráter de poder e hierarquia associados a estas vestimentas.

Figura 29 – A veste de JK no CEMEMOR.



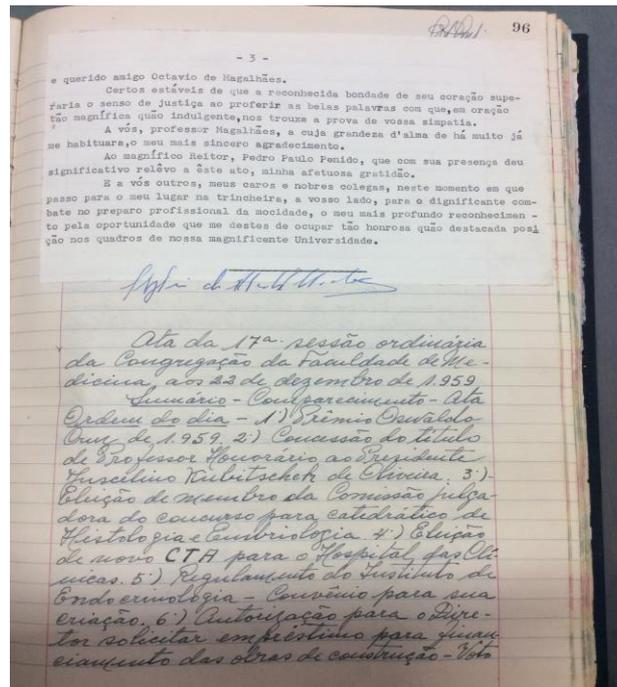
Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 30 – Registro fotográfico de JK na solenidade na UFMG.



Fonte: CEMEMOR.

Figura 31. Ata da solenidade da Faculdade de Medicina



Fonte: CEMEMOR.

Figura 32 – Vestes acadêmicas da Trinity College.



© Master and Fellows of Trinity College, Cambridge  
 Dress code: Various scholars in academic dress in an excerpt from the book

Fonte: Wikipedia, acesso em 12/09/17.

O estabelecimento de relações entre cores de seus elementos e áreas de conhecimento só foi determinado no século XIX e padronizado em instituições americanas. Assim, o branco, relacionado inicialmente aos enfeites em peles usados em Oxford e Cambridge, foi eleito para as artes e letras. O vermelho, cor geralmente relacionada à Igreja, foi designado à Teologia. O verde, presente nas ervas medievais, foi reservado à Medicina, enquanto o amarelo-ouro foi associado às Ciências.

As universidades europeias, ainda hoje, não apresentam uma uniformidade em seus códigos de vestimentas, ao contrário das instituições norte-americanas, que seguem padrões específicos com origens nos trabalhos de Gardner Cotrell Leonard, ainda no século XIX em Nova Iorque.

Em 1893 foram publicados trabalhos no sentido de padronização de vestes acadêmicas, mais tarde revisados por comissões nacionais norte-americanas, que culminaram com o estabelecimento de regras quanto aos materiais, estilos e cortes destas vestimentas, além do relacionamento de cores e áreas de atuação, ainda em 1895. O Conselho Americano de Educação<sup>42</sup>, através do estabelecimento de comitês, realizou algumas revisões deste código em 1932 e 1959. Em 1986 estas regras foram novamente revistas e atualizadas. Novas cores foram relacionadas a outras áreas de conhecimento, enquanto determinações quanto aos estilos e materiais a serem utilizados também foram revisitados. Atualmente o uso destes trajes no dia a dia acadêmico não é mais obrigatório nas instituições de ensino, estando reservado às cerimônias oficiais e solenidades.

A vestimenta encontrada no CEMEMOR obedece aos modelos mais tradicionais de vestes acadêmicas observadas nas instituições brasileiras. Também conhecida como veste talar, é uma vestimenta que deve cobrir tradicionalmente até a região do calcanhar - *talus*, com mangas longas e geralmente duplas, pala larga e cintura franzida, com botões internos para abotoamento. Pode ser constituída por tecidos diversos e apresenta-se com alguns adereços e complementos.

O capelo ou barrete é o chapéu geralmente com pingente, usado após a outorga do grau, em solenidades de transmissão de cargo e na presença de autoridades, podendo também ser decorado com as cores relacionadas à área de conhecimento, representando o poder temporal e fazendo analogia às coroas reais.

---

<sup>42</sup> American Council on Education staff (1997).

A faixa abdominal usada sobre a beca na altura da cintura tem cores diversas também relacionadas à área de conhecimento a qual é direcionada. O verde, neste caso, representa as ciências ligadas à saúde. Além da faixa há também o *jabour*, uma pala rendada usada sobre a beca, localizada no pescoço, pendente à frente da veste.

Outros elementos também podem estar presentes: a murça (pequena capa usada sobre a veste), a samarra (capa usada apenas pelo Reitor, de cor branca) e o torçal com borla pendente, espécie de corda trançada, geralmente de seda, que adorna a gola da veste com enfeites redondos (borla) também revestidos de seda (figura 33).

Figura 33 – Outros exemplos de peças na solenidade da Faculdade de Medicina.



Fonte: CEMEMOR.

O traje do CEMEMOR possui em seu interior duas etiquetas de identificação de produção. A primeira encontra-se na face interna da veste, logo abaixo da gola e está acompanhada de outra etiqueta em outro tecido também costurada à vestimenta com o monograma “JK” (figura 34). A segunda etiqueta está presente no interior do capelo, também costurada ao seu forro.

Figura 34 – Detalhes das etiquetas internas da veste.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

O traje parece ter sido produzido por uma alfaiataria específica na cidade do Rio de Janeiro, *Alfaiate Eclesiástico Rebulla Junior*. Várias entrevistas foram conduzidas no sentido de se apurar o trajeto desta instituição, porém sem resultados positivos. Em entrevistas junto à Arquidiocese de Belo Horizonte não foram estabelecidas relações entre a citada Alfaiataria e a produção de vestes eclesiásticas no período histórico de estudo. Segundo os setores de comunicação e memorial da Mitra Arquidiocesana de Belo Horizonte, os trajes destinados às paróquias da arquidiocese eram produzidos por freiras e religiosas ligadas às ordens e não por instituições particulares, como confirmado pelo Monsenhor Hélio Ângelo Raso<sup>43</sup>, atuante no Seminário Arquidiocesano na cidade à época do estudo. Segundo funcionários da Arquidiocese, o uso da denominação “eclesiástica” poderia atuar à época como fator facilitador e até de propaganda para a instituição particular, uma vez que se utilizaria do simbolismo e associação com a Igreja e seus aspectos de poder e hierarquia. Também não foram identificadas informações sobre a citada instituição junto a setores de pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Tampouco foram encontradas informações junto ao CEMEMOR - UFMG quanto à produção de vestes acadêmicas no período citado. Foi também realizada entrevista com profissional da Alfaiataria<sup>44</sup> atuante na cidade desde 1950, que também não conseguiu oferecer informações sobre a existência e trajetória da instituição. Os *sites* da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e de veículos de

<sup>43</sup> Em entrevista com a Sra. Marília Cândido, responsável pelo Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, em 23 de agosto de 2017.

<sup>44</sup> Em entrevista com o Sr. Geraldino Nunes Filho, alfaiate tradicional na cidade de Belo Horizonte, na atividade desde 1950, em 21 de agosto de 2017.

comunicação (jornal *O Estado de Minas*) também não ofereceram progressos às buscas. Portanto, não foi possível a reunião de informações seguras e fontes primárias quanto às origens de produção do objeto de estudo.

### 3.3 Análise do estado de conservação do objeto e diagnóstico preliminar de riscos

O conjunto de beca, *jabour*, faixa abdominal e capelo do CEMEMOR encontra-se, apesar de suas condições expositivas, em bom estado de conservação de forma geral.

Durante todo o período do estudo foram observadas as seguintes tipologias de degradação no conjunto:

- Sujidades em sua superfície (figura 35). O conjunto apresenta sujidades e vestígios de poeira em todos os seus elementos, principalmente nas barras da vestimenta. Este acúmulo está relacionado ao fato de não existirem elementos de barreira e proteção, como uma vitrine.
- Esmacimento da cor da vestimenta. Existem áreas no tecido da vestimenta que apresentam esmaecimento da cor negra, principalmente em sua face anterior, possivelmente relacionadas à exposição inadequada à luz.

Figura 35 – Áreas com sujidades e esmaecimento da cor na veste.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

- Marcas brilhantes a nível do ombro e parte superior das mangas na veste (figura 36). Estas marcas foram percebidas pela primeira vez durante a exposição temporária no Museu Histórico Abílio Barreto, podendo estar associadas a processos de higienização efetuados quando de sua preparação para o empréstimo.

Figura 36 – Áreas com marcas brilhantes.



Fonte: arquivo pessoal, 2017.

- Enrijecimento e perda de flexibilidade de algumas áreas do tecido. O tecido da veste apresenta áreas de enrijecimento e perda de flexibilidade, já resultantes dos processos de degradação em andamento.
- Esmacimento e descoloração da cor verde da faixa abdominal (figura 37). A faixa em tecido verde apresenta claramente áreas de descoloração, possivelmente relacionadas à exposição inadequada à luz.
- Manchas amareladas no tecido da faixa abdominal. A faixa em tecido verde apresenta manchas amareladas, principalmente em seu lado direito.

Figura 37 – Áreas de esmaecimento da cor verde e manchas na faixa abdominal.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

- Oxidação dos metais da fivela na faixa verde (figura 38).

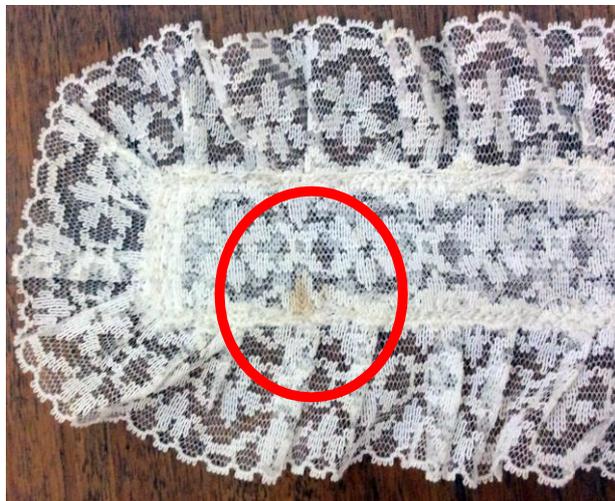
Figura 38 – Áreas de oxidação da fivela da faixa abdominal.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

- Mancha ocre na parte inferior do *jabour*, correspondendo à área de oxidação na renda (figura 39).

Figura 39 – Área de oxidação no *jabour*.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

- Deformidade na circunferência do capelo (figura 40), provavelmente devido à forma expositiva inadequada (ausência de elementos de suporte interno de sua forma).
- Perda da costura da faixa interna em couro no capelo, contribuindo para sua deformidade.

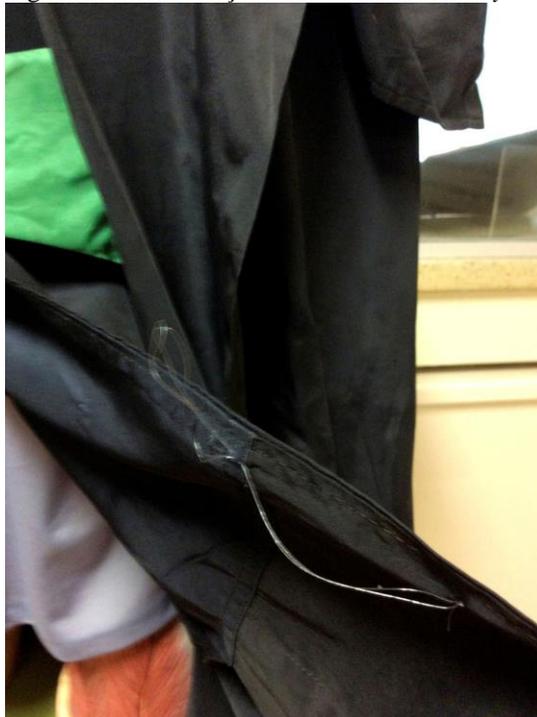
Figura 40 – Deformidades no capelo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Foram também observados alguns vestígios de intervenções anteriores realizadas sobre o conjunto, mais tarde descritas pela historiadora responsável pelo acervo. Em 2011, segundo a Professora Ethel, foi realizada costura com fio de *nylon* das bordas inferiores da veste usando-se pontos separados, com o objetivo de se manter um fechamento mais consistente de suas abas, uma vez que vários visitantes do museu manipulavam o objeto na tentativa de visualizar o modelo anatômico que servia de suporte interno improvisado para a peça (figura 41). Esses pontos foram retirados antes do empréstimo do conjunto ao Museu Histórico Abílio Barreto. Procedimentos de higienização mecânica com trincha também foram realizados no conjunto antes do empréstimo segundo o museólogo responsável pelo CEMEMOR.

Figura 41 – Intervenção anterior com fio de *nylon*.



Fonte: arquivo pessoal, 2017.

Assim, podem ser apontados como possíveis agentes de degradação atuantes neste conjunto: a iluminação inadequada com incidência de radiação Ultravioleta (UV), poluição, vandalismo, forças físicas (possibilidade de quedas), temperatura inadequada, umidade relativa inadequada e susceptibilidade a um ataque biológico. Não há registros prévios de inundações ou incêndios na instituição.

A identificação desses agentes, como também o seu dimensionamento e a frequência com que ocorrem dentro da instituição (sendo eles eventos intermitentes ou processos cumulativos), podem contribuir para o estabelecimento de processos de gerenciamento de riscos que têm como objetivo final a redução dos danos ao acervo associados à possível perda de seu valor cultural, como também possibilitar o estabelecimento de prioridades (de ações e de alocação de recursos) dentro de uma determinado coleção.

Assim, o conjunto do CEMEMOR encontra-se, na verdade, sob vários riscos:

- Risco de queda, uma vez que está posicionado sobre manequim improvisado, sem a devida segurança necessária para sua exposição. Está ainda posicionado sem barreiras na área de circulação da galeria, sem faixas de contenção do público; o capelo encontra-se apenas apoiado sobre o “manequim”, sem elementos de fixação;
- Risco relacionado à manipulação pelo público e vandalismo, uma vez que não há elementos de barreira ou proteção. A peça encontra-se ao nível do expectador, que pode alcançá-la facilmente, trazendo assim risco de danos (intencionais ou não) ao tecido, como rasgos, amassamentos, desgaste e sujidades;
- Risco de esmaecimento e danos ao tecido por exposição inadequada à iluminação, tanto direta quanto indireta;
- Risco de ataque biológico diante da ausência de elementos de medição e controle de variações de temperatura e umidade relativa na sala expositiva, além do registro de ataque de insetos xilófagos em outros objetos na mesma sala expositiva;
- Risco de degradação, desgaste e enfraquecimento do tecido devido poluição e acúmulo de sujidades;
- Risco de roubo de parte do conjunto, uma vez que a galeria não possui atualmente sistemas de segurança interna e nem mesmo funcionários para a supervisão direta do acervo durante seu funcionamento para o público. O posicionamento do conjunto ao nível do expectador e sem quaisquer elementos de barreira também constitui um fator contribuinte;
- Risco de dissociação de parte da coleção, principalmente diante da realidade de que apenas uma pequena parcela do acervo já está inventariada.

No processo de estabelecimento de um diagnóstico em Conservação Preventiva em instituições, pode-se dizer que o CEMEMOR ainda está iniciando seus passos na busca de melhores condições para seu acervo. A publicação de seu Plano Museológico neste ano de

2017 constituiu etapa básica para o planejamento de medidas preventivas na instituição. Próximas ações como o estabelecimento do inventário da coleção e o reconhecimento de suas reais condições (a nível de cada objeto, seu suporte e embalagem, o mobiliário disponível para sua guarda, as condições das salas, do edifício e de seu entorno) representam etapas essenciais para se atingir condições adequadas de salvaguarda para seu acervo.

### **3.4 Condições expográficas no Centro de Memória da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais**

Apesar de constituir um item único na coleção, as condições de exposição do conjunto não são ideais. O CEMEMOR já utilizou diferentes formas de exposição para a vestimenta e seus elementos. A peça ficou disposta desde 2011 em um “manequim” improvisado sobre um modelo anatômico tridimensional, apoiado por sua vez em um banco de madeira de cerca de 60 cm de altura, com os pés recobertos por cartolina branca (figuras 42 e 43).

A vestimenta estava ainda posicionada sobre uma camiseta de malha azul doada por um dos profissionais da instituição. Não havia suporte específico para o capelo que estava apenas apoiado sobre a parte superior do manequim. O conjunto permaneceu exposto nestas condições à entrada da Galeria Luís Gomes Ferreyra sem quaisquer elementos de proteção como vitrines, barreiras ou mesmo faixas de sinalização que orientassem o visitante quanto à circulação no local e quanto aos cuidados necessários com a peça.

O conjunto permaneceu exposto posicionado sob iluminação direta por luz fluorescente e também iluminação indireta proveniente do próprio corredor interno (através de uma das vitrines internas), como também da janela (luz natural) localizada no fim deste corredor.

Não há, até o momento, instrumentos de medição e registro de dados de temperatura, umidade relativa ou iluminação posicionados na sala expositiva. Referida exposição não é contemplada com referido monitoramento, não podendo apresentar as alterações indicativas para o estudo adequado de uma proposta específica futura. Todos os dados referentes a este processo deverão ser coletados quando necessário.

Figura 42 – Modo de exposição do conjunto no CEMEMOR até agosto de 2017.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 43 – Modo de exposição do conjunto no CEMEMOR, detalhe do modelo anatômico.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Em agosto de 2017 o conjunto foi cedido em empréstimo para exposição temporária no Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB). A mostra denominada “*Medicina e Política: Caminhos cruzados na história da Capital*” permaneceu no Museu Histórico no período de 17 de agosto até 10 de setembro de 2017 (quatro semanas), sob curadoria de Alexandre Guilherme de Miranda Azevedo Menezes, Ethel Mizrahy Cuperschmid e José Fernando de Carvalho Pires, integrantes da equipe do CEMEMOR. Nesta localidade, o conjunto ficou exposto sobre manequim-suporte em madeira com pintura em tinta preta fosca, com apoio também para o capelo (figura 44 e 45). A veste ficou exposta à iluminação artificial direta com lâmpadas incandescentes e também não havia presentes vitrines, faixas de sinalização ou qualquer outro elemento de barreira para proteção do conjunto. No Museu Histórico o espaço expositivo contava com ar condicionado central, mas também não dispunha de instrumentos de medição e registro de dados ambientais locais.

Figura 44 – Modo de exposição do conjunto no MHAB.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Figura 45 – Modo de exposição do conjunto no MHAB (FRENTE e VERSO).



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Em Setembro de 2017 o conjunto retornou ao CEMEMOR e desta vez foi posicionado sobre um manequim de madeira com suporte inferior em metal, também sem apoio adequado para o capelo. As demais condições observadas anteriormente na galeria também permaneceram neste modo expositivo, ou seja, ausência de elementos protetivos e também inexistência de instrumentos de medição e registro ambiental.

Em outubro de 2017 o CEMEMOR recebeu em doação da Academia da Polícia Militar um manequim estruturado em madeira, com cobertura acolchoada. O conjunto foi então novamente transferido para este manequim que tem 158 cm de altura e está revestido por tecido negro de algodão (figura 46). O manequim passou por processo de limpeza mecânica antes de receber o conjunto têxtil. O conjunto conta agora com etiqueta de papel com a identificação com número de patrimônio (CEMEMOR 00008.2017) afixada através de cordão em linha branca. Mais uma vez não houve mudanças nas outras condições expositivas na galeria.

Figura 46 – Modo atual de exposição do conjunto no CEMEMOR.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Sabe-se que as formas de exibição de itens museais, principalmente os têxteis, constituem-se em agentes de grande importância para a manutenção de adequadas condições relacionadas à sua preservação. A vida dos maiores componentes dos tecidos (fibras e tinturas) é determinada por diferentes fatores, controláveis e não controláveis, identificados como intrínsecos e extrínsecos<sup>45</sup>. Como fatores intrínsecos pode-se identificar: aspectos relacionados ao seu material constituinte (sua qualidade depende dos processos de crescimento animal e vegetal), o processamento das fibras, a fiação, a coloração, a manufatura dos tecidos e processos ligados ao seu acabamento. Como fatores extrínsecos tem-se questões relacionadas ao seu uso, às condições de guarda, aspectos ligados à manutenção de sua limpeza, além de condições de manipulação e exposição. A combinação de todos estes fatores pode acelerar a degradação dos tecidos por processos de oxidação, acidificação, degradação fotoquímica e danos mecânicos. A deterioração pode ser acelerada em situações de negligência e falta de cuidados, mas pode ser desacelerada com a preservação de seu presente estado através de condições de estabilidade química, física e ambiental. Os tecidos em museus estão sempre expostos à ameaça da deterioração em galerias expositivas, reservas técnicas e durante transportes e tratamentos. O manejo dos fatores intrínsecos deve ser pesquisado e executado de forma cuidadosa, mas a eliminação dos fatores extrínsecos deve ser garantida como parte do processo de desaceleração dos esforços destrutivos, contribuindo assim para a consequente manutenção da salvaguarda destes objetos.

---

<sup>45</sup> KAJITANI, p.87.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que o percurso da Conservação-Restauração enquanto disciplina foi marcado e desenvolvido a partir do pensamento de diferentes autores ao longo da história. Muitas foram as contribuições que, em um primeiro momento identificadas como verdades primordiais e exemplos a seguir, foram substituídas por outros paradigmas e práticas desenvolvidos à luz de novos conhecimentos e avanços técnicos. A partir da proliferação das instituições de memória e de seus acervos, grandes desafios se apresentaram àqueles que se dedicavam ao estudo e cuidado dos bens culturais, determinando assim, a necessidade de se estabelecer bases firmes e consistentes para uma prática crescente e de maior abrangência. Opiniões contraditórias foram confrontadas, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, como os pensamentos de intelectuais como Viollet-le-Duc (arquiteto-restaurador adepto de métodos que, embora baseados em parâmetros estéticos estabelecidos, permitiam reconstruções e complementações de monumentos na busca do estilo original) e John Ruskin, que acreditava na preservação dos monumentos em seu estado como tal como a única forma de salvaguardar sua história e trajetória ao longo dos anos. Outros pensadores também contribuíram (e continuam a contribuir) para o desenvolvimento da disciplina, como Camillo Boito, Gustavo Giovannoni, Cesare Brandi, Umberto Baldini e Salvador Viñas, expondo assim caminhos diversos a serem seguidos, mesmo aplicados a diferentes culturas e diversos contextos políticos e sociais.

Porém, ainda no século XIX, um intelectual se destacaria ao antecipar questões que ocupariam, mais tarde e até os nossos dias, o cerne das discussões sobre as práticas de conservação. Alois Riegl (1858-1905), a partir de sua ampla formação nas áreas de Direito, Filosofia, História Universal e História da Arte, e de sua atuação diversa tanto prática quanto em pesquisas históricas, materiais e artísticas,

desenvolve sua metodologia, sua prática conservativa, materializada pela análise formal, material, técnica e cultural do objeto, dentro de um contexto histórico, como testemunha de uma época, com valor de documento.<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> COPPOLA, 2013, p.87.

Sua produção científica, apesar de concentrada em um pequeno período, traz grandes contribuições para o estabelecimento da Conservação como disciplina autônoma. Em seu texto, “O culto moderno dos monumentos”,

apresenta uma síntese de todo o seu pensamento amadurecido e direcionado à Conservação, à tutela dos monumentos existentes no universo contemporâneo, num período de grandes transformações sociais e econômicas e que devem ser percebidos e reconhecidos pelo homem contemporâneo para que sejam protegidos e valorizados. Evidencia a importância da definição um novo paradigma para a autonomia da História da Arte, possível através da aproximação do contexto social aos objetos de seu estudo, tendo sempre em observação a questão da fruição moderna destes estudos.<sup>47</sup>

Assim, Riegl traz à tona, à medida em que elenca os diferentes valores relacionados aos bens culturais e expõe as relações e contradições entre eles, as necessidades e possibilidades de atuação, seja em ações de preservação, conservação ou restauração, aplicadas aos diversos monumentos, quase antecipando assim, preceitos em voga nos dias atuais.

O autor divide seu texto em

três partes, sendo na primeira tratada a questão geral dos valores dos monumentos, na segunda a relação dos valores enquanto memória com o culto dos monumentos (valor do antigo, valor histórico e valor intencional) e na terceira parte a relação dos valores contemporâneos com o culto dos monumentos (valor de uso, valor artístico, valor artístico de novidade e valor artístico-relativo).<sup>48</sup>

Segundo o autor, aos monumentos carregados de valor de antiguidade, acessíveis a toda à massa de expectadores, não se devem atribuir ações intervencionistas mas aceitam-se ações destrutivas naturais ao seu curso, expondo portanto contradições entre estímulo às ações de conservação (na medida em que não são modificados pela ação humana), mas também à condenação a essas ações conservadoras, uma vez que permite a atuação contínua das forças naturais, contrárias às possibilidades de conservação.

Aos monumentos imbuídos de valor histórico, acessíveis principalmente aos capazes de reflexões intelectuais, busca-se sua permanência como objeto intocável a partir de um certo

---

<sup>47</sup> COPPOLA, 2013, p.89.

<sup>48</sup> COPPOLA, 2013, p.90.

ponto atual, onde não são mais desejadas nem mesmo as marcas do tempo. Aqui permitem-se ações humanas limitadoras das forças naturais, inibindo-se a destruição de seus significados e garantindo sua permanência.

Já aos monumentos carregados de valor intencional, só valem suas características originais que devem ser mantidas a todo custo, com base em ações intervencionistas de restauro, em total oposição aos valores de antiguidade. Aos monumentos imbuídos de valor de novidade, valor artístico elementar, atribuem-se ações de conservação também em oposição aos valores de antiguidade.

É ainda através da discussão destas relações, sem porém estabelecer categorias hierarquizadas entre elas, que Riegl contribui para a valorização final dos bens culturais, mais uma vez à frente de seu tempo, na medida em que estabelece como base para suas teorias a sua tríplice experiência prática como

o historiador da arte, o conservador e organizador da legislação de conservação dos monumentos austríacos e o cientista empírico e intelectual, com uma visão além de seu tempo, que reconhece na associação com os preceitos e metodologias da ciência a base do futuro do conhecimento e conservação dos objetos artísticos através de sua materialidade.<sup>49</sup>

Deste modo, o autor nos mostra que os processos de proteção e guarda dos bens culturais devem ser baseados em ações que reconheçam e compreendam seus valores e seus aspectos históricos, artísticos e materiais, aliados sempre a conhecimentos científicos e metodologias estabelecidas, garantindo-se assim a sobrevivência destes itens à apreciação de gerações futuras. Sabe-se que é necessário conhecer para valorizar, sendo este resgate de valores passo significativo para o estabelecimento de condições seguras de preservação e conservação.

O Centro de Memória da Faculdade de Medicina da UFMG tem como missão promover, através da preservação entre outras ações, a memória científica na área da Medicina em Minas Gerais<sup>50</sup>. Para tanto, apresenta objetos e documentos relevantes à história da profissão e de profissionais que atuaram em Minas Gerais.

---

<sup>49</sup> COPPOLA, 2013, p.111.

<sup>50</sup> Plano Museológico, anexo B

Em seu acervo, a vestimenta atribuída ao ex-presidente Juscelino Kubitschek ocupa lugar de destaque principalmente por trazer à tona o registro da passagem deste personagem pela instituição no final dos anos 1950. Ao revelar esse momento, o objeto, carregado de simbologia e significado histórico, mas também a partir de seus aspectos materiais constitutivos, nos permite o reconhecimento da importância da figura de JK, tanto no cenário local da instituição como também a nível histórico nacional, traduzindo assim o desejo de se garantir condições adequadas para sua preservação.

Portanto, somente ao se conhecer e compreender o objeto em todas as suas instâncias históricas, artísticas e materiais, será possível, através de métodos já estabelecidos em conhecimentos de conservação preventiva, protegermos seu percurso ao longo da vida, salvaguardando suas características e significados emocionais para gerações futuras.

Com relação às tipologias têxteis, pode-se dizer que “historicamente sua conservação desenvolveu-se a partir das tradições e técnicas da restauração<sup>51</sup>”, evoluindo de simples processos baseados em habilidades manuais de certos indivíduos a um campo de estudo bem delimitado e apoiado em premissas e pesquisas científicas. Percorreu assim uma trajetória de pequenas ações limitadas a um item específico a amplos procedimentos de conservação que englobam ações curativas, preventivas e estratégias de análise e gerenciamento de risco em instituições de preservação de memória. O papel dos profissionais que atuam junto a estas coleções também foi modificado, uma vez que abrangem agora questões mais amplas como o que exibir, por quanto tempo exibir, como exibir e porque exibir, sempre buscando um equilíbrio entre as necessidades individuais e materiais de coleções e itens específicos e as funções iniciais das instituições de memória – oferecer possibilidades de pesquisa, ensino e educação à sociedade em que está inserida, tanto às gerações atuais quanto às futuras. Assim, somente através de amplas ações transdisciplinares se tornará possível a salvaguarda de coleções institucionais, garantindo-se a manutenção do patrimônio cultural humano em toda a sua significância artística, histórica, científica, religiosa e social.

---

<sup>51</sup> BROOKS, M. CLARK, C. EASTOP, D. PETSCHKEK, C. 1994.p 238.

## REFERÊNCIAS

BROKERHOF, Agnes W. Collection risk management – the next frontier. CMA Cultural Property Protection. 16 January 2006. Ottawa, p. 1-5. Disponível em: <<http://www.museums.ca/protection/en/presentations/rokerhof.pdf>>. Acessado em 14 de junho de 2017.

BROOKS, M.; CLARK, C.; EASTOP, D.; PETSCHKEK, C. 1994. Restoration. Is it acceptable? British Museum Conference, Londres, British Museum, 1994, p.103-114.

CAMPOS, M.M. Cinquentenário da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. 1911 – 1961. Notas – informações – comentários. 1961. Belo Horizonte, Minas Gerais.

COOK, J.G. **Handbook of textile fibres**. Durham, Inglaterra: Ed. Merrow Publishing CO.,1993.

COPPOLA, Soraya Aparecida Álvares. **Costurando a memória**: o acervo têxtil do museu arqui-diocesano de arte sacra de Mariana. 2006. 221f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais, área de concentração Arte e Tecnologia da Imagem) – Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>>. Acesso em 09 de setembro de 2017.

COPPOLA, S.A.A. **Nos caminhos do sagrado**: conhecimentos e valorização como conservação dos acervos têxteis arqui-diocesanos de Mariana/MG e São Luis do Maranhão. Tese (Doutorado em Artes, área de concentração Arte e Tecnologia da Imagem) – Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br>>. Acesso em 09 de setembro de 2017.

EASTOP, D. Decision Making in Conservation: Determining the Role of Artefacts, 1998. In: **Changing Views of Textile Conservation (readings in Conservation)**. The Getty Conservation Institute, 2011, p.277-283.

FINCH, K. Textiles as Documents of History and Those Who Care for Them, 2000. In: **Changing Views of Textile Conservation (readings in Conservation)**. The Getty Conservation Institute, 2011, p. 111-116.

FLURY-LEMBERG, M. Introduction to Textile Conservation and Research, 1988. In: **Changing Views of Textile Conservation (readings in Conservation)**. The Getty Conservation Institute, 2011, p.69-72.

FRONER, Y.; ROSADO, A. Tópicos em Conservação Preventiva 2. Princípios históricos e filosóficos da Conservação Preventiva. 2008. Belo Horizonte. LACICOR. Escola de Belas Artes-UFG. **Cadernos em Conservação Preventiva**. Disponível em: <<https://www.eba.ufmg.br/sppgrad/cadernos/ciencia-e-conservacao/>>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

GEIJER, A. **Preservation of Textile Objects**, 1963. In: **Changing Views of Textile Conservation (readings in Conservation)**. The Getty Conservation Institute, 2011.p.78-86.

ICOM-CC. **Environmental guidelines ICOM-CC and IIC Declaration**. Disponível em: <<http://www.icom-cc.org/332/-icom-cc-documents/declaration-on-environmental-guidelines/#.WhtynFXtxEY>>. Acesso em 26 de novembro de 2017.

ICOM-CC. **Terminology to characterize the conservation of tangible cultural heritage**. Disponível em: <<http://www.icom-cc.org/242/about/terminology-for-conservation/#.WgjubksfpnI>>. Acesso em 9 de setembro de 2017.

ISHII, M. **International Cooperation in Preservation of Cultural Heritage between Japan and Armenia: Conservation of Historic Textiles in Museums**. 2014.

JEDRZEJEWSKA, H. Problems of Ethics in the Conservation of Textiles, 1980. In: **Changing Views of Textile Conservation – Readings in Conservation**. The Getty Conservation Institute, 2011.p.102-110.

KAJITANI, N. Care of fabrics in the Museum, 1977. In: **Changing Views of Textile Conservation – Readings in Conservation**. The Getty Conservation Institute, 2011.p.87-101.

LANDI, S. **The Textile Conservator's Manual – Butterworth-Heinemann Series in Conservation and Museology**. 2a edição. Routledge: Ed. Butterworth-Heinemann, 1992.

LEENE, J.E. Restoration and Preservation of Ancient Textiles, and Natural Science, 1963. In: **Changing Views of Textile Conservation** – Readings in Conservation. The Getty Conservation Institute, 2011.p.73-77.

MEMORIAL JK. Disponível em: <[www.memorialjk.com.br](http://www.memorialjk.com.br)>. Acesso em 9 de setembro de 2017.

MUSEUM E GALLERY COMISSION, Illustrated guide of care of textiles. 2000. Londres. Disponível em: <<http://www.museums.gov.uk>>. Acesso em 9 de setembro de 2017.

NORTON, R. E. Storage and display of textiles (for Museums in South-East Asia). In: Studies and documents on the cultural heritage. **Unesco**. 64p.

ORLOFSKY, P. LEE TRUPIN, D. The Role of Connoisseurship in Determining the Textile Conservator's Treatment Options, 1993. In: **Changing Views of Textile Conservation** – Readings in Conservation. The Getty Conservation Institute, 2011, p.269-276.

RIEGL, A. **O Culto Moderno dos Monumentos e outros ensaios estéticos**. Lisboa: Edições 70, 2013.

ROBINSON, J. PARDOE, T. An Illustrated Guide to the Care of Costume and Textile Collections. Museums and Galleries Commission, Scottish Museums Council. 2000.p. Disponível em: <<http://www.museums.gov.uk>>. Acesso em 12 de setembro de 17.

ROMERO, L.L. VIEIRA, J.O.W.M. MEDEIROS, L.A.R. MARTINS, R.F. Fibras artificiais e sintéticas. Disponível em: <[https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/4241/1/BS%2001%20Fibras%20Artificiais%20e%20Sinteticas\\_P.pdf](https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/4241/1/BS%2001%20Fibras%20Artificiais%20e%20Sinteticas_P.pdf)>. Acesso em 21 de novembro de 2017.

SULLIVAN, E. An academic costume code and an academic ceremony guide. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20100309044543/http://www.acenet.edu/AM/Template.cfm?Section=Search&template=%2FCM%2FHTMLDisplay.cfm&ContentID=22417#Historical>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.

TOLEDO DE PAULA, T. C. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, vol. 2 jan./dez.1994, p. 301-319.

VIANA, F.; NEIRA, L. G. Princípios gerais de conservação têxtil. **Revista CPC**, São Paulo, n.10, p.206-233, maio/out 2010.

## ANEXOS

Anexo A – Relatório LACICOR.

**LACICOR - Laboratório de Ciência da Conservação****RELATÓRIO DE ANÁLISES****IDENTIFICAÇÃO****Obra:** Vestimenta de JK**Local e data da coleta de amostras:** Centro de Memória da Medicina- (CEMEMOR)- 11/09/17**Dimensões:** 140x56cm**Data/Época:** 1959**Origem:** Etiqueta do possível fabricante: Alfaiate Eclesiástico Rebullá Junior**Procedência:** CEMEMOR**Proprietário:** CEMEMOR**Responsável pela amostragem:**

Profa. Dra. Soraya Coppola.

**Responsabilidade Técnica:**

Prof. Dr. João Cura D'Ars de Figueiredo Júnior

Selma Otília Gonçalves da Rocha

José Raimundo de Castro Filho

**Aluna:** Patrícia Nardi- Graduanda do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais-CECOR-Escola de Belas Artes da UFMG**Orientadora:** Profa. Dra Soraya Coppola**Objetivos:** Identificar os materiais constituintes da obra.**Metodologia**

- Coleta de amostras de pontos específicos da obra para solução de questões referentes à mesma;
- Caracterizar as fibras das amostras retiradas da obra.

### Método analítico

O método analítico utilizado :

- 1) Microscopia de Luz Polarizada (PLM);

A Microscopia de Luz Polarizada que permite a identificação de materiais por meio da caracterização de suas propriedades ópticas, tais como cor, birrefringência, pleocroísmo, extinção, entre outras.

### RESULTADOS

Amostra	Local de Amostragem	Resultado
AM 3276TT	Amostra retirada do local de costura na parte frontal inferior da veste( tecido principal)	Fibra sintética(sugere-se fibra de poliéster)
AM 3277 T	Amostra retirada do local de costura e junção junto ao corpo da veste	Fibra sintética(sugere-se rayon)
AM 3278 T	Amostra retirada da dobra interna do verso	Fibra sintética(sugere-se fibra de poliéster com rayon)

## Locais de retirada das amostras



Figura 1- Tecido veludo- parte interna

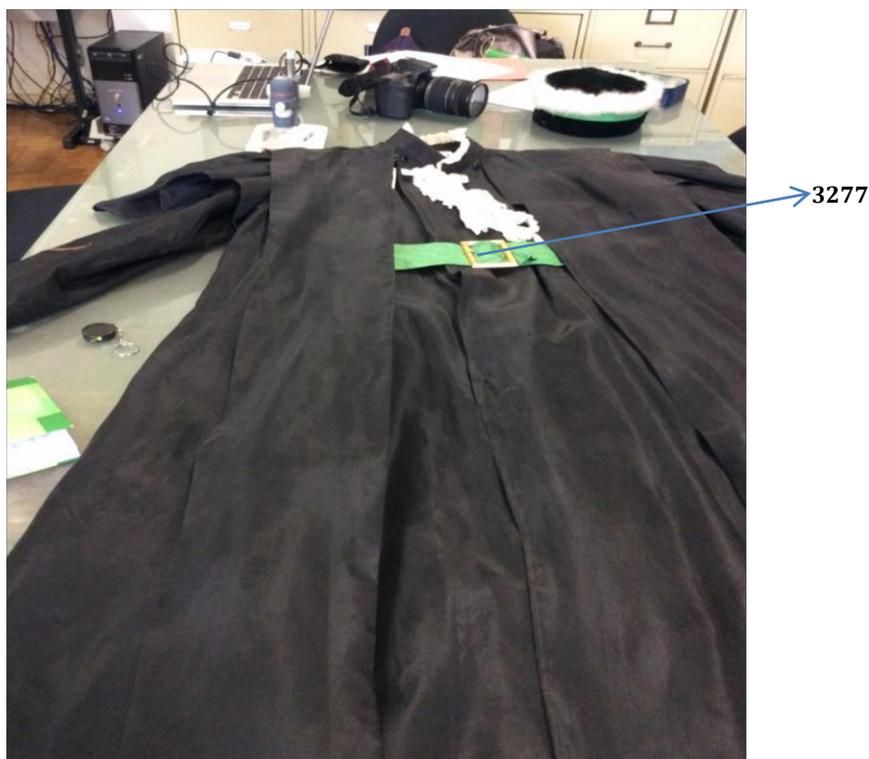


Figura 2- Tecido faixa- Amostra retirada do local de costura e junção junto ao corpo da veste.

## Documentação fotográfica das amostras retiradas

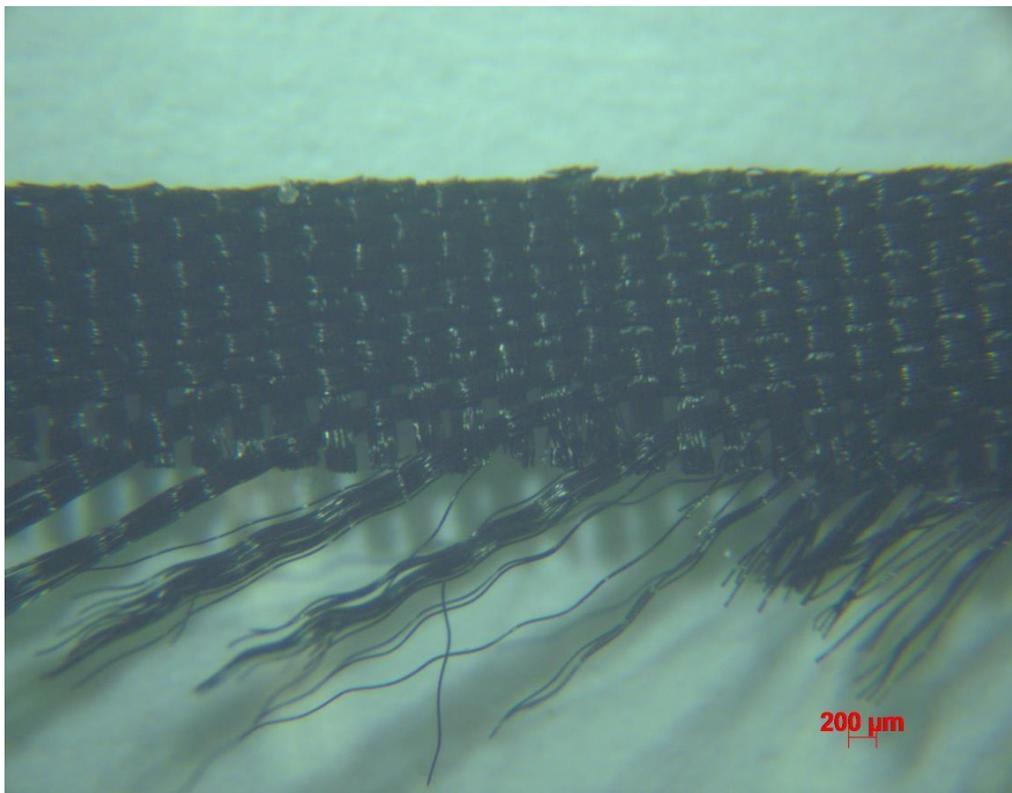


Figura 3-Am 3276T-( tecido principal)- frontal inferior da veste visto sob o microscópio estereoscópico- 25x

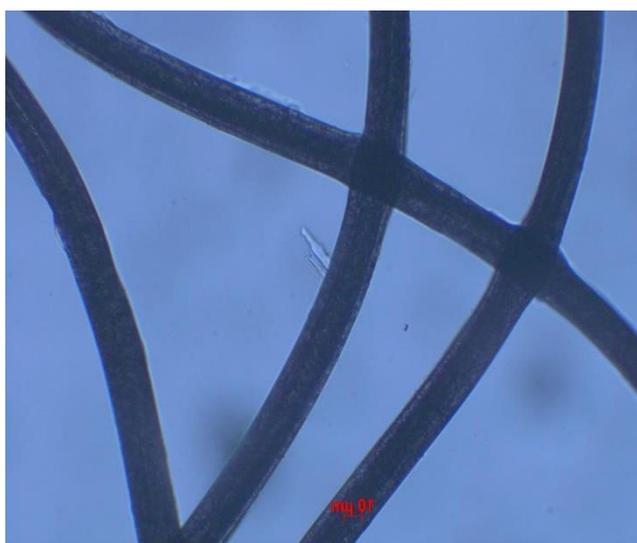


Figura 4-Am 3276T-Dispersao fibra do tecido principal-visto

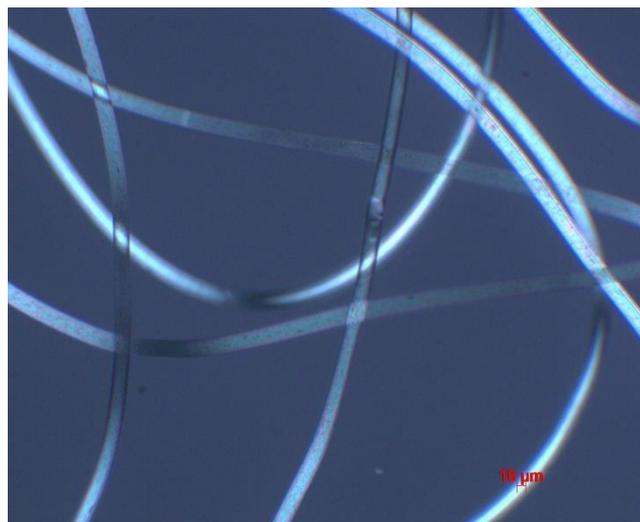


Figura 5- referencia fibra poliéster-visto sob o microscópio de luz polarizada-33x

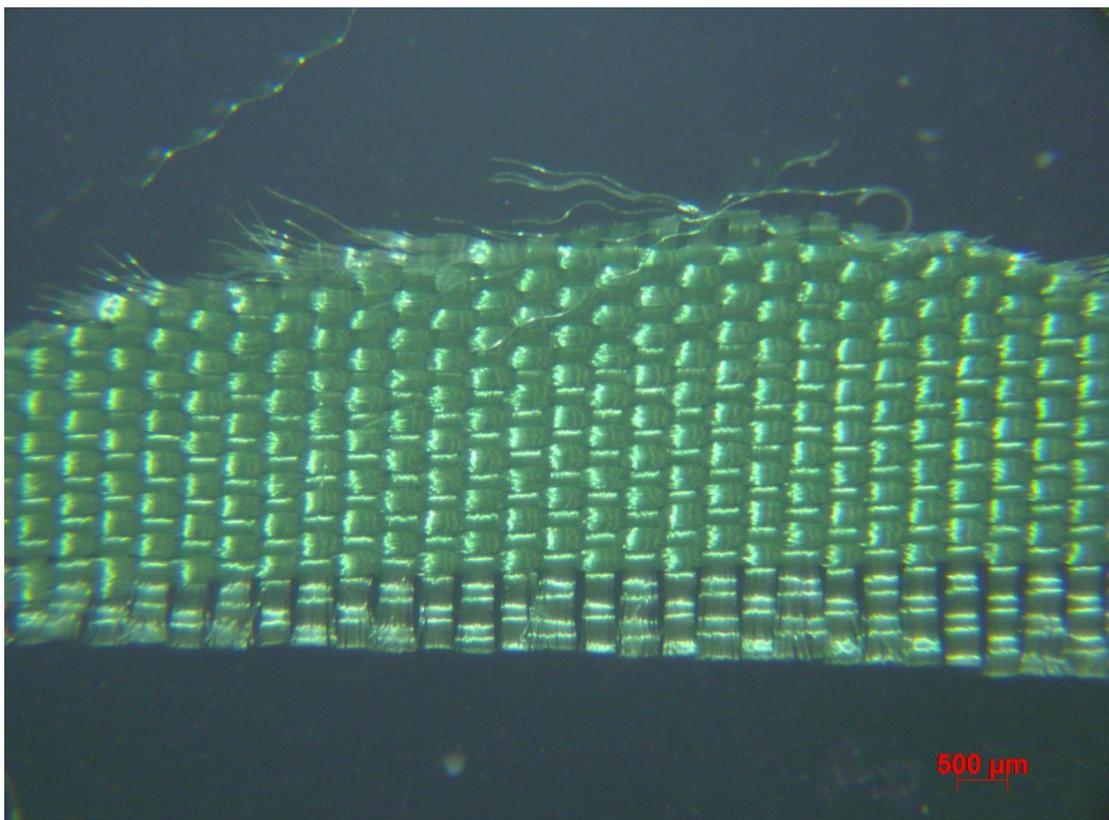


Figura 6-Am3277T- Costura e junção junto ao corpo da veste- verde-visto sob o microscópio estereoscópico-18x

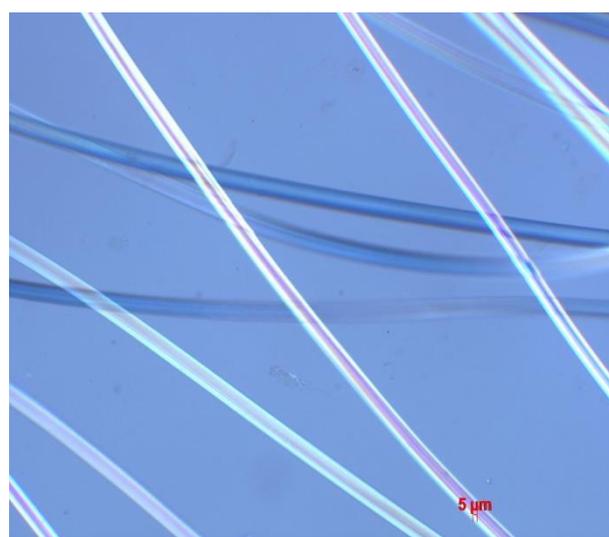
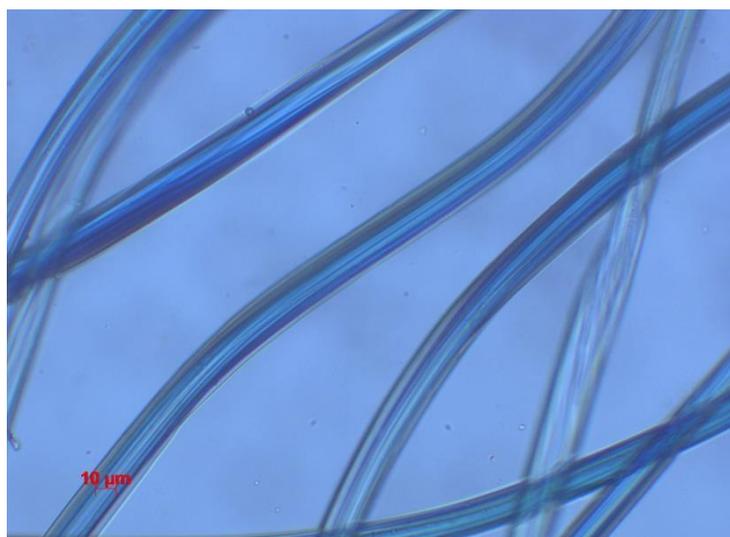


Figura 7-Am 3277T-Dispersao fibra do tecido junção junto ao da veste-visto sob microscópio de luz polarizada-66x

Figura 8-referencia fibra rayon\_visto sob o microscópio de luz polarizada -33x

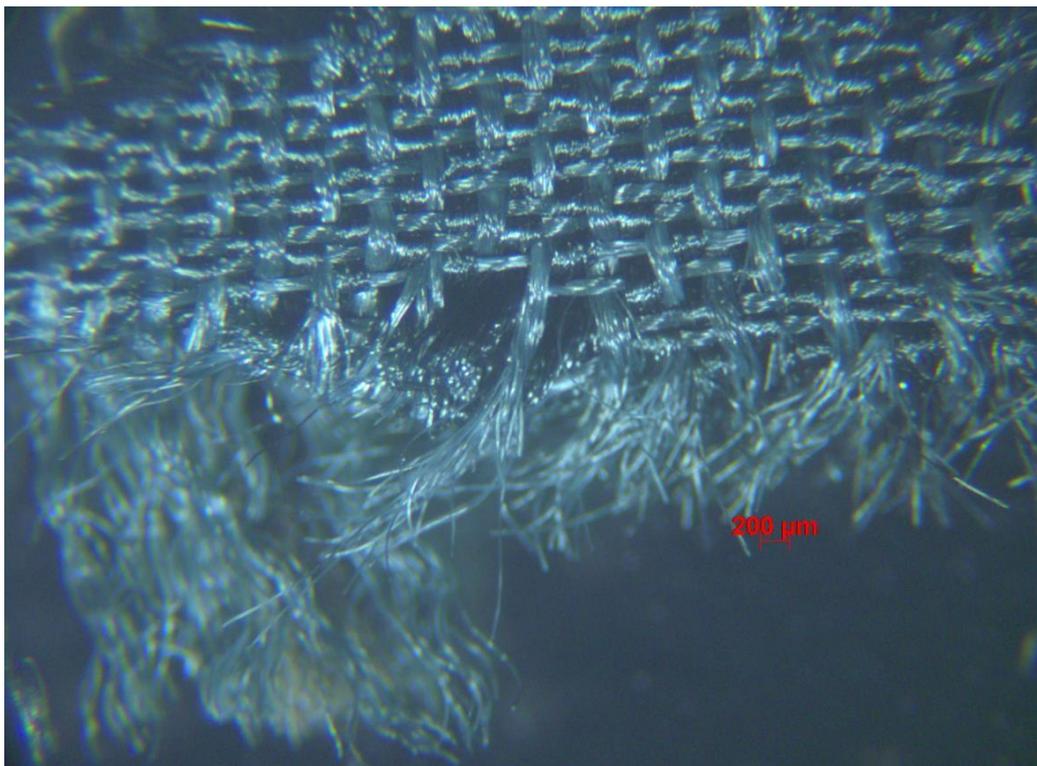


Figura 9-Am3278T\_dobra interna do verso-visto sob o microscópio estereoscópico-25x

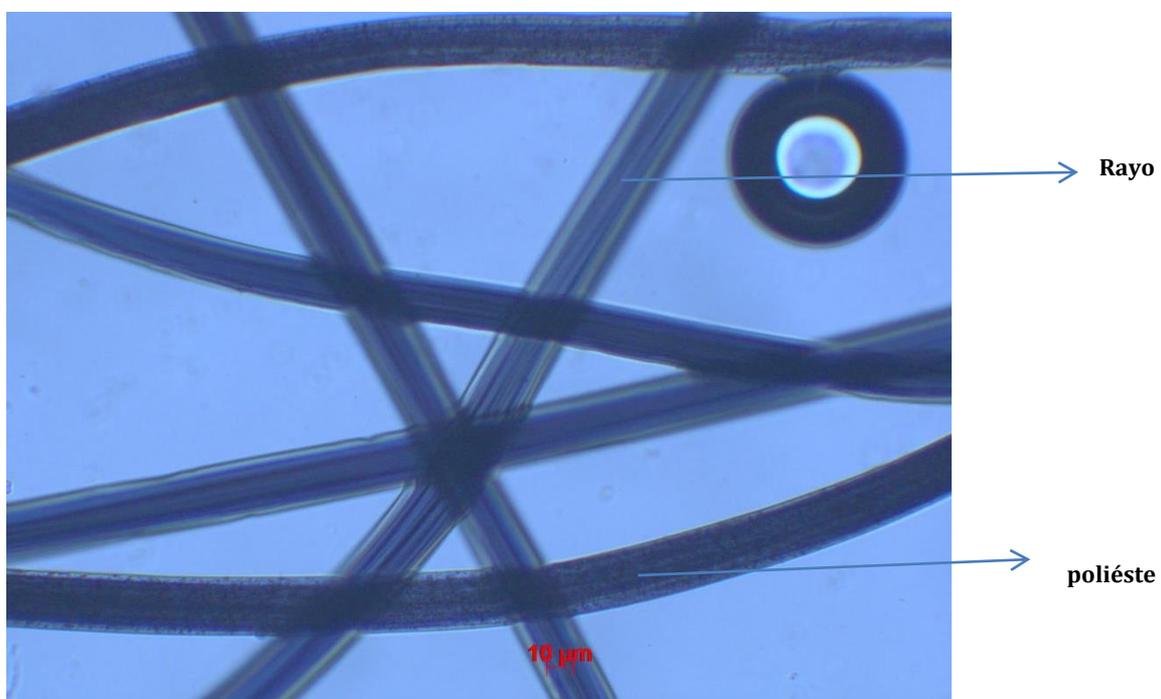


Figura 10-Am 3278T-Dispersao fibra\_dobra interna verso- visto sob o microscópio de luz polarizada-66

  
Prof. João Cura D'Ars de Figueiredo Junior

  
Selma Otília Gonçalves da Rocha

  
José Raimundo de Castro Filho

UF *m* G



# Plano Museológico

**CEMEMOR**  
CENTRO DE MEMÓRIA DA MEDICINA  
UFMG



## **Plano Museológico do Centro de Memória da Medicina**

### **Institucional**

*Jaime Arturo Ramírez – Reitor da UFMG  
Sandra Regina Goulart Almeida – Vice Reitora  
Tarcizo Afonso Nunes – Diretor da Faculdade de Medicina  
Humberto José Alves – Vice-Diretor da Faculdade de Medicina*

### **Coordenação**

*Luciano Amédée Péret Filho*

### **Redação do Plano Museológico**

*Ethel Mizrahy Cupers Schmid*

### **Consultores**

*Alexandre Guilherme de Miranda Azevedo Menezes  
José Fernando de Carvalho Pires  
Leticia Alves Martins  
Luciano Amédée Péret Filho  
Maria do Carmo Salazar Martins  
Mariane Alves Rabelo  
Sarah Saggiolo de Carvalho*

### **Equipe de pesquisa**

*Alexandre Guilherme de Miranda Azevedo Menezes  
Ana Luiza Moreira Silva  
Ethel Mizrahy Cupers Schmid  
José Fernando de Carvalho Pires  
Leticia Alves Martins  
Mariane Alves Rabelo  
Sarah Saggiolo de Carvalho  
Soraia Oliveira Vasconcelos Botelho*

### **Diagramação**

*Sarah Saggiolo de Carvalho*

## Sumário

1- Missão.....	04
2 – Visão.....	04
3 – Valores.....	04
4 – Comportamento.....	04
5 – Institucionalização.....	04
6 – Parcerias.....	05
7 - Política de Desenvolvimento de Acervo.....	05
8 - Documentação Museológica.....	05
9 – Acervo.....	05
10 - Objetivos do Centro de Memória da Medicina.....	08
11 –Infraestrutura.....	08
12 – Segurança.....	12
13 – Iluminação.....	12
14 – Acessibilidade.....	12
15 – Inclusão.....	12
16 – Exposições.....	13
17 – Público.....	15
18 - Recursos Educativos.....	15
19 – Equipe.....	16
20 - Equipe Atual.....	16
21 – Colaboradores.....	17
22 - Horário de Funcionamento.....	17
23 – Comunicação.....	17
24 - Plano de Desenvolvimento Institucional do Centro de Memória da Medicina.....	19
25 - Projetos Desenvolvidos junto à Pro Reitoria de Extensão da UFMG.....	19
26 - Projetos Desenvolvidos junto á Pro Reitoria de Pesquisa da UFMG.....	19
27 – Publicações.....	20
28 - Implantação de sistema de avaliação permanente.....	20
29 - Próximos focos de atenção.....	20
30 - Pontos fortes.....	20

### **1. Missão**

O Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais – CEMEMOR – tem como missão promover, através do recolhimento, preservação, pesquisa e difusão, a memória científica e tecnológica na área da saúde em Minas Gerais.

### **2. Visão**

O Centro de Memória da Medicina pretende ser modelo e inspiração para outros centros e museus congêneres, já que é dos mais antigos desta tipologia no Brasil. Também pretende ser referência para pesquisadores professores, estudantes da área de saúde e outros interessados pelo tema e da área da Saúde, alunos do Ensino Médio e Fundamental que frequentam seus espaços de arquivo, biblioteca e exposição.

### **3. Valores**

Responsabilidade, Credibilidade, Respeito.

### **4. Comportamento**

Qualidade de atendimento ao público, flexibilidade, ética, sustentabilidade.

### **5. Institucionalização**

O CEMEMOR é um museu científico que possui forte apelo ao Patrimônio Médico Universitário. É também um museu histórico e didático, já que promove o Curso de História da Medicina, curso aberto ao público, além de local de pesquisa.

O CEMEMOR é órgão complementar da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, é um centro interdisciplinar de Pesquisa, Ensino e Extensão subordinado à Diretoria da Faculdade de Medicina, com pessoal técnico, especializado e administrativo próprio. Sua criação é de 1977 e foi formalizado em 12 de junho de 1979 (Ata da Segunda Reunião do Conselho Departamental da Faculdade de Medicina da UFMG) e seu Regimento Interno foi aprovado pela Resolução 03 de 13 de dezembro de 2005 da Faculdade de Medicina.

Seu acervo documenta aspectos diversos relacionados à prática e ao conhecimento científico e tecnológico na área da saúde. Este acervo foi recolhido junto à própria Faculdade de Medicina, hospitais conveniados e doações particulares, sendo composto por diversos conjuntos e tipologias de acervo: documentos, obras médicas, vídeos, instrumental e maquinário médico hospitalar, fotos, imagens, vidraria e instrumentos científicos.

Em 2011, teve atuação de destaque nas comemorações do centenário da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (FMUFMG) com a convicção de que a História pode ser uma rica fonte de inspiração para os membros de uma instituição, um meio de reivindicar uma identidade e um meio para socializar os novos membros de um grupo. A Faculdade de Medicina é uma rica produtora de tradições, pois a instituição comemora constantemente os jubileus de formatura,

centenários de professores ou descobertas científicas e, logicamente, os cem anos de sua história não ficariam sem a devida evocação.

## **6. Parcerias**

O CEMEMOR faz parte da Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, ligado à Pro Reitoria de Extensão da Universidade. É membro fundador (2000). Também pretende elaborar projetos junto a AMED – Associação de Ex- Alunos e Amigos da Faculdade de Medicina para melhoria do museu desde 2010. Participa da REMIG – Rede de Museus Institucionais de Minas Gerais.

## **7. Política de Desenvolvimento do Acervo**

O CEMEMOR possui Política de Desenvolvimento do Acervo desde 2014. A política de desenvolvimento de coleções da Biblioteca do Centro de Memória da Medicina visa apresentar diretrizes para a organização do acervo bibliográfico atual, bem como o seu desenvolvimento de coleções. Esta política segue os princípios adotados pela política de desenvolvimento de coleções da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais (BU-SB/UFMG).

O objetivo Geral da Política de Desenvolvimento de Acervo é preservar a memória da área médica localmente, nacionalmente e internacionalmente, considerando os critérios de raridade e o fator de ser o único exemplar existente na Universidade Federal de Minas Gerais mediante critérios e parâmetros representativos do objetivo do Centro de Memória.

Já os objetivos específicos deste documento são: organizar o acervo do Centro de Memória da Faculdade de Medicina; edesenvolver critérios norteadores para a organização, documentação, descarte, aquisição, exposição e manutenção do acervo.

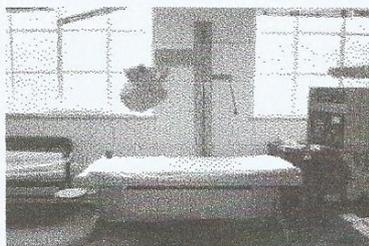
## **8. Documentação Museológica**

O CEMEMOR possui documentação museológica: Termo de Empréstimo, Termo de Devolução; Termo de Doação; Termo de Permuta; Ficha de Catalogação de Acervo; Planilha de Arrolamento; Termo de Sessão de Imagem.

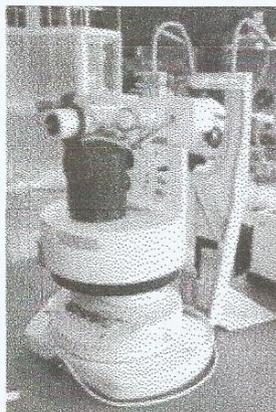
## **9. Acervo**

O CEMEMOR abriga acervo do patrimônio científico universitário que documenta aspectos diversos relacionados à prática e ao conhecimento científico e tecnológico na área da saúde. Em parte o acervo é institucional da própria Faculdade, mas também é oriundo de doações de hospitais e de particulares, sendo composto por diversos conjuntos documentais assim definidos:

- 1- conjunto tridimensional: incluindo equipamentos, mobiliário, indumentária, instrumentos relacionados ao ensino, à pesquisa e à prática médicas, objetos pessoais, entre outros (totalizando 2.400 peças);



Mesa de Raios-X GE

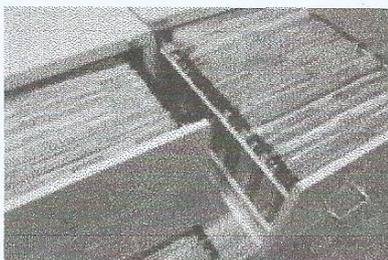


Pleóptoro Fisba

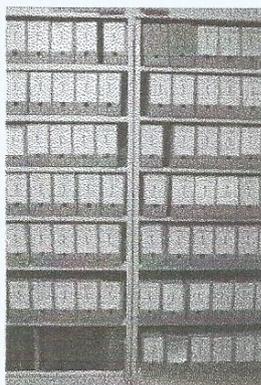


Seringa Ricard

- 2- conjunto textual: composto por manuscritos, impressos, plantas, projetos arquitetônicos, documentação administrativa e acadêmica da Faculdade de Medicina, de instituições hospitalares, de clínica particular e acervos de pesquisadores e/ou ex-professores da UFMG, 219 caixas-box com documentos organizados e cerca de 63m<sup>3</sup> de massa documental;



Arquivos



Teses Médicas



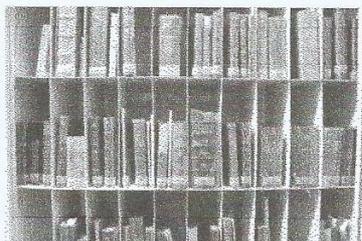
Diplomas

- 3- conjunto audiovisual: gravações em áudio e em vídeo, fotografias originais, cópias, negativos em vidro e celuloide que ilustram aspectos da prática e do ensino médicos e de personalidades ligadas à memória científica da saúde em Minas Gerais. O Centro de Memória possui um acervo fotográfico de mais de 12 mil imagens, 3000 negativos de filme e 112 negativos de vidro, 10 rolos de filmes, 3500 slides, 50 fitas cassete, 120 fitas de vídeo e 50 caixas de slides de vidro (cerca de 600 unidades) voltados para a educação médica e para a educação da saúde da população;



Fotografias do Acervo

- 4- conjunto bibliográfico; livros, teses, guias, dicionários, formulários, atlas, periódicos relativos à medicina e saúde, com abrangência principal entre os séculos XIX-XX, e um conjunto as obras raras, destacando-se os exemplares do *Erário Mineral*, de Luis Gomes Ferreira (1735); *Aforismos de Hipócrates*(1683); *TabulaeAnatomicae*, de FranciscusPetrágliã, (1788) (cerca de 15.000 volumes); 1055 teses médicas.



Obras Raras e Preciosas



Teses Médicas



Biblioteca

Por cerca de mais de vinte anos o acervo recolhido ao CEMEMOR não havia sido objeto de um processamento técnico adequado, pela ausência de recursos e de pessoal especializado, situação que comprometia tanto sua conservação como sua disponibilização ao público. Graças ao apoio do diretor da Faculdade, da Rede de Museus e em especial da Pro Reitoria de Extensão, o CEMEMOR tem ampliado e mantido suas atividades junto ao público interno (alunos, professores, funcionários) e externo (visitantes, pesquisadores e instituições museais).

Atualmente o CEMEMOR vem desenvolvendo atividades de conservação, organização, armazenamento, inventariação e difusão dos conjuntos documentais e acervo sob sua guarda. Possui 4 termo higrômetros, um desumidificador, uma mesa higienizadora dupla, dois aspiradores de pó (um portátil). Procedemos a conservação preventiva básica de documentos, pôsteres, livros de registro, fotografias, negativos de vidro e algumas obras raras.

## 10. Objetivos do Centro de memória da Medicina

- 1- Promover e integrar estudos e pesquisas interdisciplinares voltados à reconstrução da memória histórica e sociocultural da medicina;
- 2- Constituir acervos tridimensionais, documentais e bibliográficos, cuidando de sua restauração, organização, conservação, divulgação e permuta;
- 3- Desenvolver atividades relativas à produção, preservação, divulgação e discussão da memória histórica e sociocultural da medicina;
- 4- Promover a elaboração da história da medicina em Minas Gerais;
- 5- Promover e integrar estudos e pesquisas sobre manifestações culturais de qualquer natureza relacionadas a cuidados com a saúde;
- 6- Promover exposições temporárias e de longa duração na temática da Saúde, da História da Ciência e da Técnica e de personagens de destaque da instituição;
- 7- Realizar pesquisas;
- 8- Ampliar público visitante;
- 9- Prestar assessoria a projetos ligados à memória histórica e do patrimônio sócio cultural da área da Saúde;
- 10- Buscar e firmar convênios e parcerias com outras instituições para desenvolvimento de pesquisas e projetos;
- 11- Organizar e promover eventos (seminários, conferências, exposições), cursos, treinamentos, estágios voltados à preservação da memória da medicina nas áreas de Arquivologia, Museologia, Biblioteconomia, Restauro, História e Artes, Medicina;
- 12- Ofertar disciplina História da Medicina aberta a todos interessados;
- 13- Publicar resultados de pesquisa e das atividades extensão desenvolvidos no acervo do Centro de Memória da Medicina;
- 14- Manter política de incentivo a doações de acervos da área da Saúde;
- 15- Manter em prática a política de acervo do CEMEMOR;
- 16- Participar de Eventos Acadêmicos para divulgar pesquisa, atividades acadêmicas, exposições e acervo do CEMEMOR;
- 17- Promover Mediação e a inclusão de portadores de deficiências e jovens em situação de risco através do seu setor Educativo;
- 18- Aumentar continuamente o número de visitantes com algum tipo de necessidade especial, bem como de toda a população em geral;
- 19- Garantir a acessibilidade física e virtual, ampliando a disseminação da informação do patrimônio cultural de forma sustentável, que integrem os acervos arquivísticos e bibliográficos dos museus;
- 20- Promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação;
- 21- Democratizar acesso ao CEMEMOR.

## 11. Infraestrutura

As instalações do CEMEMOR ocupam um espaço de aproximadamente 580m<sup>2</sup>, no andar térreo do prédio da Faculdade de Medicina da UFMG, localizado na Avenida Alfredo Balena, 190, região hospitalar de Belo Horizonte. Esse espaço divide-se em:

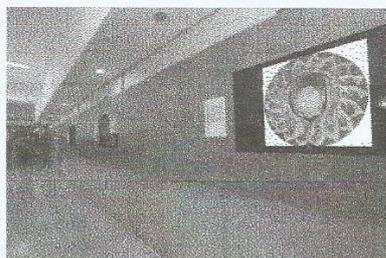
- Duas galerias de exposição (Galeria Antônio Gomide e Galeria Luis Gomes Ferreyra);
- uma sala com obras de dermatologia, mas com espaço que pode ser aproveitado também para o desenvolvimento de Ação Educativa, a sala Oswaldo Costa;
- uma Biblioteca;
- uma sala de Pesquisa e Documentação;
- duas salas de reserva técnica;
- uma sala da administração.
- um corredor interno com 12 vitrines expositivas
- um corredor externo, “Corredor da Memória”, com painel com 5 telões de 42’ para exposições temporárias do CEMEMOR.



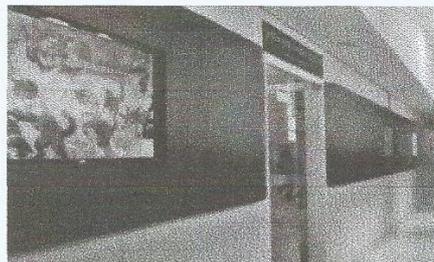
Biblioteca



Galeria Luís Gomes Ferreyra



Corredor da Memória



Corredor da Memória



Galeria Luís Gomes Ferreyra



Galeria Antônio Gomide



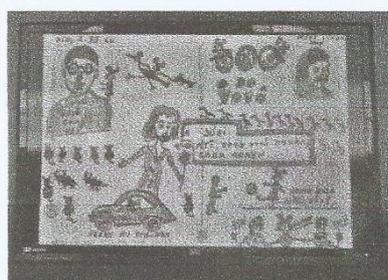
Galeria Antônio Gomide



Galeria Antônio Gomide



Secretaria



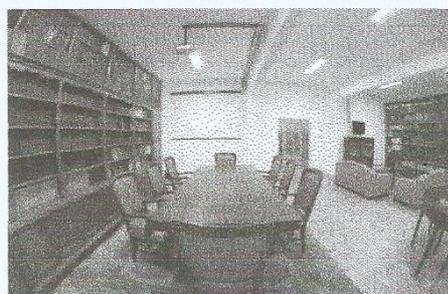
Corredor da memória



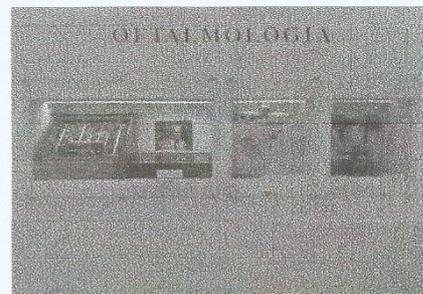
Sala de pesquisa



Galeria Luís Gomes Ferreyra



Sala Oswaldo Costa



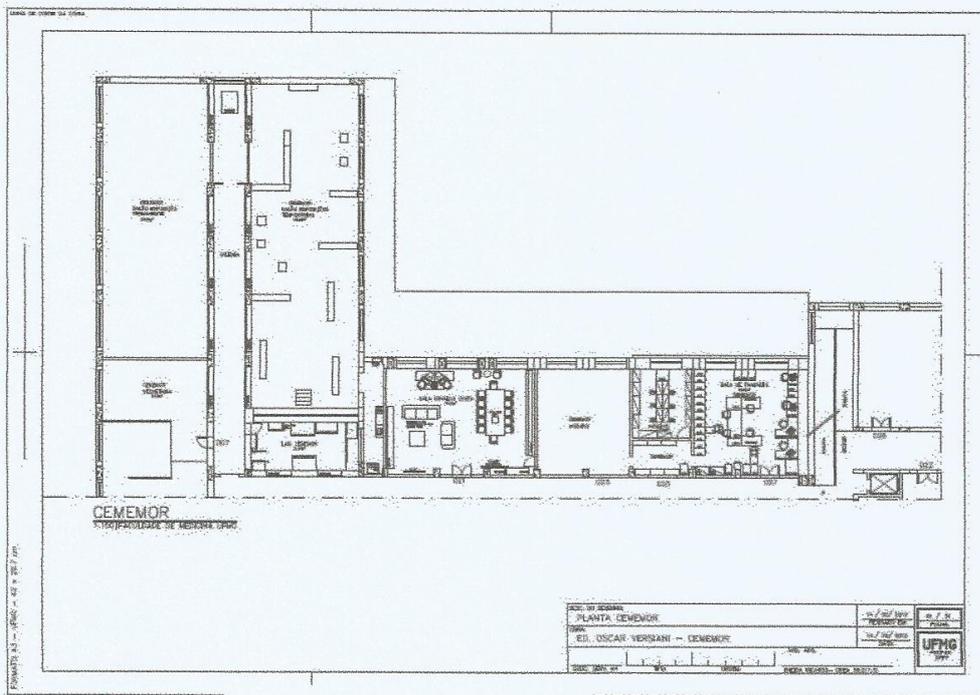
Galeria Antônio Gomide



Galeria Luis Gomes Ferreyra



Sala de pesquisa



Planta CEMEMOR

Planta do Centro de Memória

## **12. Segurança**

O CEMEMOR conta com a segurança oferecida pela Faculdade de Medicina que são câmeras de segurança nos corredores externos e porteiro 24 horas. Possui extintores de incêndio e treinamento anual com o Corpo de Bombeiros. Em projetos o CEMEMOR pretende conseguir câmeras de segurança interna, sensor de presença e alarme.

## **13. Iluminação**

O projeto luminotécnico das galerias visa minimizar ameaças ao acervo. Lâmpadas dicroicas foram desligadas. A luminária de calha de lâmpada fluorescente foi substituída por iluminação dentro dos módulos expositivos. O CEMEMOR busca recursos ainda para adotar iluminação de trilho nas suas duas galerias. A iluminação do corredor interno é fluorescente fria. A infraestrutura da Faculdade colabora para a manutenção de pontos comuns de iluminação do prédio.

## **14. Acessibilidade**

O edifício da Faculdade de Medicina é do início da década de 1960, e o CEMEMOR, localizado em seu andar térreo, é facilmente acessível aos portadores de dificuldades de locomoção. A Faculdade fornece cadeira de rodas e outras facilidades como bebedor e banheiros adaptados, elevador sonorizado, bem como e lanchonete acessível.

Entretanto, para os demais portadores de deficiência visual e auditiva, o CEMEMOR sentiu necessidade de buscar apoio em grupo de estudo. Desta forma, procuramos o NAI – Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFMG. Assim, surgiu um projeto e diversos testes foram feitos para modificações pontuais e construção de parceria.

O CEMEMOR pretende desenvolver projetos e ações destinados à ampliação das condições de acessibilidade aos seus espaços de galerias, bibliotecas e acervo. A legislação sobre o tema encontra-se no Estatuto de Museus, Lei no 11.904, de 14 de janeiro de 2009, considera como um dos princípios fundamentais dos museus “a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural” (inciso V do artigo 2º).

Pretendemos buscar o desenvolvimento de capacidades técnicas específicas e de recursos financeiros para que o Centro de Memória da Medicina realize as necessárias adaptações em atendimento aos requisitos de acessibilidade, propondo ações de consciência crítica junto a seu público e a comunidade onde estão inseridos.

## **15. Inclusão**

Desde outubro de 2015 o Centro de Memória da Medicina, juntamente com os alunos do Diretório Acadêmico Alfredo Balena e os responsáveis pelo Horto Medicinal Frei Veloso, da Faculdade de Medicina da UFMG se organizaram para receber turmas

de jovens de Unidades Socioeducativas do Estado de Minas Gerais num processo de reintegração social, através de visitação do espaço museal, horto medicinal e sala de anatomia da Instituição. A união de equipes evidenciou o potencial desta ação extensionista e o público sofreu transformações reais que foram externalizadas na ocasião. Houve ressignificação de conceitos como vida, morte e escolhas responsáveis. Pretendemos incluir todo tipo de público: pessoas mudas, surdas, cadeirantes, analfabetas, grávidas, obesas, muito altas, muito baixas, muito velhas, muito jovens, com diferentes condições cognitivas e sensoriais e outras tantas possibilidades de visita. Pensamos a inclusão como um Exercício da cidadania.

## 16. Exposições

Uma exposição de longa duração contemplando o Centenário da Faculdade de Medicina, na Galeria Luis Gomes Ferreyra, inaugurada em 2011 e constantemente modificada devido a reforma nas vitrines e mudanças tecnológicas como filme institucional e espaço para abrigar exposição de curta duração eventual.

Na Galeria Antônio Gomide existe exposição de equipamentos médicos do acervo, “Curta é a Vida, longa é a arte”, apoiado com recursos do Ministério da Ciência e Tecnologia devido a Semana de Iniciação Científica de 2016. A galeria vem sendo utilizada para exposições de longa duração e que são constantemente modificadas (com novos módulos e acervo diverso desde 2015).

O corredor interno abriga exposição sobre o Microscópio Eletrônico e microscópios óticos desde 2015, com o título “Mundo Invisível: homenagem ao professor Washington Luiz Tafuri”.

As exposições do “Corredor da Memória” acontecem desde 2014. Dentre elas podemos citar:

<b>Título</b>	<b>Data</b>	<b>Descrição</b>
Acervo do Centro de Memória da Medicina	01 de março a 30 de abril de 2014	110 imagens
A invasão da Faculdade de Medicina	02 de maio a 11 de junho de 2014	26 imagens
Medicina na Copa	12 de junho a 12 de julho de 2014	31 imagens
Formas de Nascer no Ocidente	06 de agosto a 08 de setembro de 2014	92 imagens
A Hanseníase em Minas Gerais: Colônia Santa Izabel na década de 1930.	De 09 de setembro a 30 de novembro de 2014	60 imagens do álbum do acervo do CEMEMOR
Horto Medicinal Frei Veloso: espaço de ensino, pesquisa e extensão do campus Saúde da UFMG	De 01 de dezembro de 2014 a 01 de fevereiro de 2015	73 imagens
Ilustração Científica: Arte à serviço da Ciência	De 02 de fevereiro a 31 de março de 2015	Edital Graft 2014 com curadoria da Profa. Ana Cecília Rocha Veiga. Aula sobre o tema dia 06 de março com a ilustradora Iriam Starling
Almanaque do médico de	09/04/2015 a	Aproximadamente 60

Província: o Erário Mineral de Luis Gomes Ferreyra (1735)	18/06/2015		imagens
Entre páginas	22/06/2015 30/07/2015	a	167 imagens e vitrine do corredor com objetos encontrados nos livros.
Sensibilidade Social e Rumos Políticos: Dôra	20/10/2015 31/10/2015	a	48 imagens
Borges da Costa: um legado para a História da Medicina	06/01/2016 13/05/2016	a	68 imagens
Raridade do Centro de Memória da Medicina: Hipócrates (1619)	16/05/2016 03/06/2016	a	35 imagens
História do Projeto Manuelsão	06/06/2016 17/06/2016	a	1- História do Projeto Manuelsão (23 imagens) 2- Fauna e Flora (21 imagens) 3- Pessoas (18 imagens) 4- Rio (31 imagens) 5- Poluição (15 imagens)
Coleções que geram conexões: “A natureza que repete os modelos que deram certo”	20/06/2016 29/07/2016	a	Produção do Museu de Ciências Morfológicas da UFMG – Prof. Gleydes Gambogi.
Amamentação, esboço da vida: uma visão artística do aleitamento materno	01/08/2016 23/08/2016	a	Profa. Maria Albertina Santiago Rego e Prof. Edison José Corrêa.
Guimarães Rosa: 60 anos de Grande Sertão Veredas	25/08/2016 a 16/09/2016		Imagens do autor e suas paixões: solenidades, trajetória, vida...
Esculturas do Aleitamento Materno	19/09/2016		Imagens das esculturas sobre aleitamento materno do departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFMG
Vocação Médica: longa é a arte, curta é a vida	11/10/2016 13/12/2016	a	Semana Nacional de Ciência e Tecnologia
Cartas do Vovô Joãozinho	14/12/2016		Imagens da obra esgotada “Correspondência de João Guimarães Rosa, vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess”.

### 17. Público

Um estudo para conhecimento do perfil dos visitantes é significativo para que o CEMEMOR reconsidere suas ações museológicas, com a finalidade de burilar suas práticas de recebimento/acolhimento de público e seu atendimento à comunidade.

Desde 2016 o CEMEMOR faz pesquisa de público, que está devidamente registrada na Plataforma Brasil sob o título “Análise de Público do Centro de Memória da Medicina – PRPq/Rede de Museus/ UFMG”, número 59013616.0.000.5149, com Parecer de Aprovação número 1.792.438.

O público alvo inicial é alunos da UFMG e outras instituições, professores, ex-professores, funcionários, escolares, projetos sociais e seus monitores, profissionais de museus, público espontâneo, pesquisadores do centro de documentação e da biblioteca do CEMEMOR e usuários do site do mesmo: <http://site.medicina.ufmg.br/cememor/>

A média anual de público registrado no Livro de Registro de Visitantes é de 850 visitantes. No site o CEMEMOR teve 6.500 acessos.

### 18. Recursos Educativos

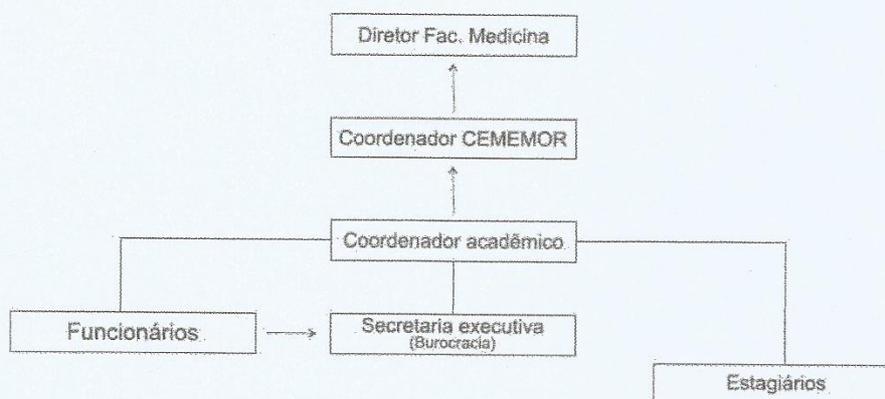
O Centro de Memória é responsável por ofertar semestralmente a disciplina História da Medicina, aberta ao público interessado e alunos da UFMG.

A disciplina não tem limite de vagas, nem pré-requisito, podendo ser cursada por alunos de qualquer período, do primeiro ao décimo segundo. O curso é semestral, de 16 horas aula e fornece 1 crédito. As aulas são ministradas as sextas feiras de 11h30min a 12h30min com horário compatível ao comparecimento da maioria dos estudantes e demais interessados.

*Ementa:* Os conhecimentos históricos são indispensáveis para entender melhor a evolução da humanidade. Somente assim será possível compreender a medicina do presente e edificar a do futuro. A reconstituição do passado é fundamental para a formação da cultura humanística do médico bem como, o aprimoramento de um espírito crítico elevado diante do efusivo palco da sociedade. O curso é Gratuito e aberto a alunos, docentes, funcionários e qualquer interessado.

O CEMEMOR possui projeto educativo experimental. A premissa dessa proposta é de que a interlocução com as redes de ensino municipal, estadual e particular é estratégica para a comunicação do acervo, ampliando, assim, o contato com a comunidade belo-horizontina. O ponto chave é atrair o docente para que se estabeleça uma “rede motivacional”: professor-aluno-família. A comunicação do acervo deve levar em conta sua relevância para a história da medicina e da própria capital, tendo em vista as muitas conexões que ele permite com o crescimento e a transformação da cidade ao longo dos seus quase 120 anos.

### Organograma CEMEMOR



#### 19. Equipe

A equipe do CEMEMOR é geralmente composta por um coordenador, professor do quadro da Faculdade de Medicina, um coordenador acadêmico, um funcionário administrativo (secretário), um funcionário Técnico de Informática, estagiários (de diversas áreas do conhecimento) e voluntários.

As necessidades para o setor são de um publicitário (para trabalhar acervo de imagens para site e “Corredor da Memória”), um bibliotecário, um arquivista e um museólogo.

Esta demanda poderá vir a ser preenchida via concurso público, transferência ou contratação.

Os estagiários são oriundos de Editais de projetos da Pro Reitoria de Extensão da UFMG, da Pro Reitoria de Pesquisa da UFMG ou de editais do Ministério da Educação, Ministério da Ciência e Tecnologia, do CNPq, da FAPEMIG ou outra agência de fomento.

#### 20. Equipe Atual:

Luciano Amédée Péret Filho (Coordenador): Doutor, professor Associado do Departamento de Pediatria.

Ethel Mizrahy Cuperschmid (Coordenadora Acadêmica): Historiadora.

Kaiser Garcia Bergmann da Silva (Técnico de Informática): Historiador.

Leonise Almeida (secretária): nível médio

Alexandre Guilherme de M. Azevedo Menezes: estagiário (graduando de Museologia)

Ana Luiza Moreira Silva: estagiária (graduanda de História)

Anny Caroline Gonçalves da Silva: estagiária Iniciação Científica Júnior (nível médio)

José Fernando de Carvalho Pires: estagiário (graduando de Museologia);

Letícia Alves Martins: estagiária (graduanda de Museologia)

Maria Fernanda M. Oliveira: estagiária de Iniciação Científica Júnior (nível médio)

Mariane Alves Rabelo: estagiária (graduanda em Gestão de Serviços de Saúde)

Sarah Saggiaro de Carvalho: estagiária (graduanda de Radiologia).

### 21. Colaboradores

Ajax Pinto Ferreira (professor aposentado da Faculdade de Medicina, ex coordenador do CEMEMOR)  
 Bernardo Riedel (professor aposentado da ICEX – UFMG)  
 Eneida Lopes Ferreira Guimarães Ricardo (Arquiteta da Faculdade de Medicina)  
 Enio Roberto Pietra Pedroso (Professor Faculdade de Medicina)  
 Humberto José Alves (Professor da Faculdade de Medicina)  
 Iriam Gonçalves Starling (Médica cirurgiã, ilustradora científica)  
 Itamar Tatuhy Sardinha (Professor aposentado da Faculdade de Medicina)  
 José Lucas Magalhães Aleixo (Médico da FUNED)  
 Gilberto Boaventura Carvalho (Jornalista da Faculdade de Medicina)  
 Gilmar Tadeu de Azevedo Fidelis (Psicólogo do NAPEM – Núcleo de Apoio Psicopedagógico os Estudantes da Faculdade de Medicina)  
 Marcus Vinicius dos Santos (Jornalista do ICB – UFMG)  
 Maria Bernadete de Carvalho (Professora da Faculdade de Medicina)  
 Maria do Carmo Salazar Martins (Pesquisadora Voluntária- Cientista Social)  
 Soraia Oliveira de Vasconcelos Botelho (Jornalista)  
 Tarcisio Passos Ribeiro de Campos (Professor da Faculdade de Engenharia UFMG)  
 Tarcizo Afonso Nunes (Professor da Faculdade de Medicina, Diretor da Faculdade)  
 Vinicius Milleo Moura (Engenheiro da Faculdade de Medicina)

### 22. Horário de Funcionamento

<b>Segundas-feiras</b>	<b>8:00 – 17:00</b>
<b>Terças-feiras</b>	<b>8:00 – 17:00</b>
<b>Quartas-feiras</b>	<b>8:00 – 17:00</b>
<b>Quintas-feiras</b>	<b>8:00 – 17:00</b>
<b>Sextas-feiras</b>	<b>8:00 – 17:00</b>
<b>Sábados</b>	<b>Não abre</b>
<b>Domingos</b>	<b>Não abre</b>

O CEMEMOR pretende abrir duas vezes por semana no turno da noite, ou seja, fechar somente as 22h00min para que o público interno que frequenta cursos de graduação no prédio da Faculdade possa conhecer o espaço, em especial os alunos dos cursos de Tecnólogo de Radiologia e Fonoaudiologia.

Pretendemos também abrir aos sábados para grupos fechados de estudos temáticos sobre História, Educação em Museus e professores (cursos de formação). Esta possibilidade deverá ser estudada com toda a equipe e com o consentimento da direção da Faculdade.

### 23. Comunicação

Em geral a divulgação dos eventos do CEMEMOR acontece via Assessoria de Comunicação Social –ACS – da Faculdade de Medicina. Assim, os cartazes, folders, adesivos, plotagens, imagens, reportagens, avisos passam pela coordenação deste setor.

A ACS já criou a identidade do CEMEMOR, bem como sua logomarca e têm colaborado na criação de peças gráficas, identificação e exposições.

#### **24. Plano de Desenvolvimento Institucional do CEMEMOR**

O Centro de Memória pretende:

Abrir suas duas galerias com exposições temporárias para o público interno e externo (escolas, centros socioeducativos, programas da terceira idade etc) e o “Corredor da Memória”, diariamente, de segunda a sexta feira, de 8 às 17 horas.

Promover visita noturna ao Museu conforme agendamento.

Regularmente promover a exteriorização de acervo do Centro de Memória e outras instituições congêneres em imagens no Corredor da Memória.

Participar de projetos e estabelecer parcerias com a Associação de Ex-alunos e Amigos da Faculdade de Medicina - AMED, Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, Rede de Museus Institucionais de Minas Gerais (REMIG), Diretório Acadêmico Alfredo Balena, Horto Medicinal Frei Veloso, Faculdade Ciências Médicas dentre outros.

Atendimento ao público pesquisador, atendimento a visitantes e a escolas e visitas agendadas ao museu do Centro de Memória da Medicina.

Elaborar e por em prática o Plano Museológico do Centro de Memória da Medicina.

Fazer pesquisa de público e pesquisa de acervo.

Promover a higienização do acervo bibliográfico, documental e iconográfico.

Planejar exposições nas galerias.

Elaborar, preencher e informatizar as fichas catalográficas/museológicas do acervo do Centro de Memória.

Participar de eventos: Mostra das Profissões, Semana de Iniciação Científica, Semana do Conhecimento, Semana Nacional dos Museus etc.

Promover treinamento da equipe e participar de cursos das áreas de museologia, arquivologia, documentação, biblioteconomia, história, sociologia, antropologia e arqueologia para melhor atender ao público e tratar de forma segura o patrimônio.

Digitalizar teses, obras raras e documentação institucional, histórica e inédita, bem como fotografias.

Promover conservação do acervo: iconográfico, tridimensional, bibliográfico, documental (institucional e particular).

Publicar catálogos, livros, artigos sobre o acervo ou personalidades ligadas a História da Medicina.

Elaborar projetos e participar de editais para conseguir financiamento, recursos, bolsistas, equipamentos, treinamento e participação em eventos.

Promover itinerância em instituições socioeducativas e escolas.

Manter atualizado o site do Centro de Memória e alimenta-lo com material inédito.

Divulgar o Centro de Memória, seu acervo e suas atividades através do site, de material gráfico (pop cards, folders, cartazes, banners etc).

Realidade Virtual imersiva de 360° para mostrar acervo e exposições.

Coleta de histórias de vida dos ex-professores em formato digital para a disponibilização no site do Centro de Memória.

Promover divulgação do programa institucional Vida após a Vida em site do CEMEMOR, em suas galerias expositivas e nas visitas agendadas.

#### **25. Projetos desenvolvidos junto à Pro Reitoria de Extensão da UFMG**

Retratos da Medicina, uma história através das imagens.

Escola vai ao museu: das veias do conhecimento ao cérebro dos infantes.

Abertura da Exposição Centenário da Faculdade de Medicina da UFMG.

Exposição “Nas veias da memória: alguma história da Medicina” – Centenário da Faculdade de Medicina da UFMG.

POP Saúde Comunicação: Projeto de Popularização das Ciências da Saúde – Modalidade Comunicação.

Patrimônio Cultural da Ciência e da Tecnologia.

POP Saúde-Educação: Projeto de Popularização das Ciências da Saúde: modalidade Educação para Saúde.

Corredor da Memória: trajetórias, memórias, acervos e patrimônio científico.

O cadáver a serviço da humanidade: visita guiada pelos alunos da Faculdade de Medicina.

Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG.

Aprimoramento do Circuito de Divulgação Científica a Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG: despertando vocações e incentivando a formação de jovens estudantes.

Prevenção de Acidentes com plantas tóxicas e animais peçonhentos.

Material Didático: Patrimônio Científico da Faculdade de Medicina da UFMG.

Extroversão do Acervo do Centro de Memória da Medicina.

#### **26. Projetos desenvolvidos junto a Pro Reitoria de Pesquisa da UFMG**

Análise de Público do Centro de Memória da Medicina.

Catálogo de Obras raras do Centro de Memória da Medicina.

Extroversão de acervo científico do Centro de Memória da Medicina: Acervo científico e o uso médico do radium em Minas Gerais nos primórdios do século XX.

### **27. Publicações**

Boletim do Centro de Memória da Medicina publicado bimestralmente pela equipe com notícias e informações sobre o acervo, as atividades do CEMEMOR e documentos, imagens e fatos históricos da Faculdade de Medicina.

### **28. Implantação de sistema de avaliação permanente**

A UFMG já possui sistema informatizado de avaliação dos funcionários e da chefia que é promovido uma vez ao ano pela Pro Reitoria de Recursos Humanos.

### **29. Próximos focos de atenção**

Devido a grande massa documental adquirida ao longo da década de 1970, até os dias atuais, parte do acervo documental não tem condições de armazenamento ideais. Pretendemos equipar o CEMEMOR com arquivo deslizante para em sua reserva técnica.

Pretendemos sinalizar nosso espaço de maneira adequada para pessoas com deficiência.

Pretendemos aumentar o horário de visitação ao espaço. O horário de funcionamento do espaço é comercial e não inclui fins de semana e feriados.

Devido a seu funcionamento dentro de uma instituição de ensino, o espaço tem limitações relacionadas à quantidade de público à receber e capacidade do estacionamento para veículos maiores, como ônibus de turismo ou ônibus escolares.

### **30. Pontos Fortes**

O espaço tem recebido e ampliado de forma democrática o acesso de diferentes públicos ao seu espaço museal, contribuindo para o despertar das vocações e também para a divulgação científica.

O Centro de Memória realiza constantemente atividades expositivas no Corredor da Memória que envolve o trabalho de pesquisa realizado por professores da Universidade que possuem temáticas relacionadas à saúde, ciência, tecnologia e artes além do próprio acervo fotográfico e tridimensional do espaço.

O CEMEMOR tem se preocupado em adaptar o seu espaço físico à pessoas com deficiência.

A equipe do CEMEMOR é interdisciplinar, o que contribui para que o espaço apresente essas características em suas atividades de pesquisa e extensão.

A realização da disciplina História da Medicina, organizada pela Coordenação do espaço com apoio de docentes de diversas áreas relacionadas à saúde, contribui para a divulgação da História do ofício e do desenvolvimento de grandes áreas da saúde, proporcionando grandes debates e partilha de conhecimentos.

As visitas guiadas incluem participação do Horto Medicinal Frei Veloso e o Laboratório de Anatomia em parceria com os alunos do curso de Medicina e com o técnico responsável pelo local.

Anexo C: Ata da 17ª Sessão Ordinária da Congregação da Faculdade de Medicina, aos 22 de Dezembro de 1.959.



**ATA DA 17ª SESSÃO ORDINÁRIA DA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA, AOS 22 DE DEZEMBRO DE 1.959.**

**SUMÁRIO – COMPARECIMENTO – ATA – ORDEM DO DIA – 1º) PRÊMIO OSWALDO CRUZ DE 1.959. 2º) CONCESSÃO DO TÍTULO DE PROFESSOR HONORÁRIO AO PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHECK DE OLIVEIRA. 3º) ELEIÇÃO DE MEMBRO DA COMISSÃO JULGADORA DO CONCURSO PARA CATEDRÁTICO DE HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA. 4º) ELEIÇÃO DE NOVO CTA PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS. 5º) REGULAMENTO DO INSTITUTO DE ENDOCRINOLOGIA – CONVÊNIO PARA SUA CRIAÇÃO. 6º) AUTORIZAÇÃO PARA O DIRETOR SOLICITAR EMPRÉSTIMO PARA FINANCIAMENTO DAS OBRAS DE CONSTRUÇÃO – VOTO DE PESAR – ENCERRAMENTO.**

Às vinte e uma horas do dia vinte e dois de dezembro de mil novecentos e cinquenta e nove, na sala de reuniões, localizada no 2º pavimento, sob a presidência do Diretor Prof. Oscar Versiani Caldeira, reuniu-se a Congregação desta Faculdade, presentes os seguintes professores: Oromar Moreira, Baêta Viana, Noronha Pérez, Edmundo Chapadeiro, Americano Freire, Luigi Bogliolo, Resende Alves, Olinto Orsini, Leontino da Cunha, Negrão de Lima, Romeu Caçado, Adelmo Lodi, Luiz Andrés, Melo Campos, Silva de Assis, Caio Benjamin, Ildeu Duarte, Monteiro de Barros e Aparício Silva de Assis. Abertura da sessão e ata – Havendo número regimental, o Diretor declarou aberta a sessão e deu a palavra ao Secretário o qual procedeu à leitura da ata da sessão de 5 do corrente, a qual, sem observações foi aprovada e assinada. Expediente – Foi lido no expediente telegrama do Dr. Antônio Zapalá convidando a Congregação para sua posse no cargo de professor catedrático da Faculdade de Medicina de Recife.

**Ordem do dia**

**1º) Prêmio Oswaldo Cruz** – Sem debates e unânimemente, a Congregação aprovou parecer da Comissão de Ensino, mandando outorgar o Prêmio Oswaldo Cruz de 1.959 ao ex aluno diplomado no corrente ano, Roberto Abdala Moura. **2º) Título de “Professor Honorário” ao Dr. Juscelino Kubitscheck de Oliveira** - Foi apresentada proposta, assinada por mais de dois terços de membros da Congregação de ser concedido o título de “Professor Honorário” desta Faculdade ao Presidente Juscelino Kubitscheck de Oliveira, proposta que o Presidente deu como aprovada, independente do interstício Regimental, uma vez que reunia mais de 2/3 de assinaturas, número de votos superior ao exigido para votação. **3º) Membro da Comissão Julgadora do concurso para catedrático de Histologia e Embriologia** – O Diretor deu conhecimento ao plenário de um telegrama do Prof. Eduardo Mac Clure declinando do convite que lhe foi feito para integrar esta Comissão e convidou os professores catedráticos presentes a escolherem seu substituto – Realizada a eleição, em escrutínio secreto, chegou-se, após apuração ao seguinte resultado: Prof. Lucieu Lisou – 7 votos – eleito. Receberam votos: Profrs. Marques Pereira 3 e Koberlei – 2. **4º) Eleição do Conselho Técnico Administrativo (C.T.A.) do Hospital das Clínicas** – O Diretor deu conhecimento ao plenário que, em reunião realizada àquela manhã, julgou o atual C.T.A. do Hospital das



Clínicas que, nos termos do Regimento aprovado terminou o seu mandato a 31 do corrente, motivo pelo qual deve ser eleito novo Conselho, para dirigir o Hospital a partir de 1º de janeiro próximo. Realizada a eleição e a apuração, chegou-se ao seguinte resultado: Profrs. Hilton Rocha e Ildeu Duarte – 13 votos cada; Caio Benjamin 12, Berardo Nunan – 10 e livre docente Aparício Silva de Assis 10 votos – eleitos. Receberam votos: Profrs. Melo Campos – 5, Rubens Monteiro de Barros 2, Luiz Andrés, Regozino Macedo e Nereu de Almeida Junior – 1 cada. Suplentes – Profrs. Resende Alves – 13 votos, Romeu Cançado – 11 eleitos – Receberam votos: Profrs. Adelmo Lodi, João Galizzi, Berardo Nunan e Luiz Andrés 1 cada; docentes Aparício S. de Assis – 2 e Rubens Monteiro de Barros – 1. **5º) Regulamento do Instituto de Endocrinologia e Metabologia** – O Diretor declarou que o principal assunto da ordem do dia era a discussão do Regulamento do Instituto de Endocrinologia e Metabologia, cujos avulsos foram distribuídos aos Srs. Professores e que já foi examinado pela Comissão de Ensino que emitiu parecer favorável à sua aprovação e também da minuta do Convênio a ser assinado com o Ministério da Educação e Cultura para obtenção dos recursos necessários ao seu funcionamento e franqueou a palavra para discussão. O Prof. Melo Campos, após fazer várias considerações, sugeriu que seja discutido e aprovada em primeiro lugar a minuta do Convênio, uma vez que sem recursos financeiros não poderá haver Instituto, e que a discussão do Regulamento irá requerer mais de uma sessão. A pedido do Prof. Orsini, o Prof. Caio Benjamin explicou as demarches feitas junto ao Ministro para criação do Instituto e opinou pela discussão do Regulamento. O Prof. Adelmo Lodi falou favoravelmente à votação do Regulamento, porque só por um ato da Congregação poderá ser criado o Instituto, lembrando que não ha necessidade de ser aprovada minuta de Convênio, uma vez que esta já existe no Ministério e disse que a Congregação aprovou a criação do Instituto de Medicina Preventiva e que vai ser assinado um convênio para fornecimento de fundos pelo Ministério, sem que haja necessidade do pronunciamento da Congregação. O Prof. Melo Campos volta a insistir na aprovação do Convênio, no que foi apoiado pelo Prof. Bogliolo e Olinto Orsini que propõe seja aprovado o Convênio e adiada a discussão do Regulamento, tendo falado a favor da discussão do Regulamento os Profrs. Caio Benjamin e Romeu Cançado. Encerrada a discussão o Diretor anunciou a votação da proposta dos Profrs. Melo Campos e Olinto Orsini de ser discutido em 1º lugar a minuta do Convênio. Pela ordem, falou o Prof. Caio indagando se o parecer da Comissão técnica não tem preferência. O Diretor disse que o Regimento é omissivo e que a Congregação o decidirá pela preferência da minuta ou do Regulamento. O Prof. Adelmo Lodi também falou pela ordem e disse ser de parecer que deveria ser votado primeiramente o Regulamento, mas como a sua discussão poderia se retardar e prejudicar a obtenção dos recursos, sugeria que fosse aprovada a minuta do Convênio. O Prof. Monteiro de Barros disse que poderiam ser ambos discutidos e votados. Submetida a proposta dos Profrs. Melo Campos e Olinto Orsini foi aprovada. Minuta do Convênio – Passando à discussão da minuta, cujos avulsos foram distribuídos aos professores, falou o Prof. Romeu Cançado sugerindo a supressão da cláusula 3ª o que foi aprovado e o Profr. Caio propondo a emenda na cláusula segunda mandando figurar seções de bioquímica no lugar de química, o que foi aprovado. As demais cláusulas foram aprovadas sem emendas. **6º) Empréstimo para conclusão das obras da Faculdade e Hospital das Clínicas** – O Prof. Melo Campos reportando-se a proposta



do Prof. Hilton Rocha, já aprovada em sessão de 1.958, propóz e foi aprovado, que o Diretor fique autorizado a solicitar o patrocínio do Presidente da República para ser obtido empréstimo em Instituto de Previdência, ou na Caixa Econômica para conclusão rápida dos edificios em construção nesta Faculdade. Voto de pesar – O Diretor comunicou à casa o falecimento do Dr. Paulo Elejalde, livre docente e ex professor interino desta Faculdade e disse pensar refletir o sentimento de todos mandando inserir em ata voto de profundo pesar e que o Secretário faça a devida comunicação à família do extinto. Não havendo número para votações, o Diretor declarou encerrada a sessão, às vinte e quatro horas, da qual para constar lavrou-se a presente ata.

Sylvio da Matta Machado, Secretário

**Aprovada**

**Oscar Versiani Caldeira**